Fiato

Festival Internacional de Artes e Ópera do Porto

LABORATÓRIO DE ÓPERA PORTUGUESA

MARIA DA FONTE

ORQUESTRA SINFÓNICA ARTAVE E CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Direção Musical e Edição de Partitura
João Paulo Santos

Libreto Moderno e Encenação
Ricardo Neves-Neves

© Pedro Macedo / Framed Photos

90 MIN

M12

Fiato
Festival Internacional de Artes e Ópera do Porto

LABORATÓRIO DE ÓPERA PORTUGUESA
Direção *JENNY SILVESTRE*

Opereta MARIA DA FONTE
de Augusto Machado (1845-1924)

Direção musical e edição da partitura *JOÃO PAULO SANTOS*

Encenação e libreto moderno *RICARDO NEVES-NEVES*

CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS
e **ORQUESTRA SINFÓNICA ARTAVE**

MARIA DA FONTE *CÁTIA MORESO*
ABADE CORTIÇÕES *LUÍS RODRIGUES*
LUDOVINO *MARCO ALVES DOS SANTOS*
JOANA *EDUARDA MELO*
PERPÉTUA *INÊS SIMÕES*
ONOFRE *RICARDO PANELA*
ANICETO *JOÃO MERINO*
VILAR *TIAGO MATOS*
CHEFE DO EXÉRCITO REAL *ANTÓNIO IGNÊS*
DOMINGAS *JULIANA CAMPOS*
LEMÚRIA *RITA CAROLINA SILVA*

Design Gráfico, Ilustrações Cénicas e de Adereços *JOSÉ CRUZ*

Parceiros científicos em permanência: *CESEM - IN2PAST / NOVA-FCSH*

Parceiros estratégicos: *Égide Associação Portuguesa das Artes, Fafe Munícipio e Póvoa de Lanhoso Munícipio*

Coprodução: *Fundação CCB, OPART-TNSC, APARM-Academia Portuguesa de Artes Musicais, SCML, Égide Associação Portuguesa das Artes e Teatro do Eléctrico*

Apoios: *Museu Nacional do Traje, Museu Nacional do Teatro e da Dança e Antena 2*

Parceiros do projeto educativo do Laboratório de Ópera Portuguesa: *Curso de Artes da Escola Secundária de Fafe, Casa Pia de Lisboa, Academia de Música de Almada, Agrupamento de Escolas do Monte da Caparica, OPART / TNSC e Égide Associação Portuguesa das Artes*

Depois de um início auspicioso em 2022, o Laboratório de Ópera Portuguesa (LOP) lançou-se na concretização plena da vocação que esteve na base da sua criação: a utilização da ópera como pretexto para a aproximação do cidadão comum à sua herança histórica, promovendo a inclusão e a coesão territorial.

Assim, nesta segunda edição, resgatámos da poeira do tempo uma opereta escrita pelo compositor Augusto Machado, estreada no Teatro da Trindade em 1879, MARIA DA FONTE. Trata-se de uma obra cujos manuscritos se encontram depositados na Biblioteca Nacional de Portugal, mas da qual se perdeu o libreto, da autoria partilhada de Batalha Reis (1847-1935), Gervásio Lobato (1850-1895) e João Francisco de Eça Leal (1848-1914).

Este facto que, à partida, poderia constituir um obstáculo, revelou-se, no contexto dos objetivos do LOP, uma oportunidade: a de poder encomendar um novo libreto a partir dos textos constantes das fontes musicais.

Desta forma, contando com a segurança e longa experiência do maestro João Paulo Santos no tratamento de materiais musicais históricos, lançámos o desafio ao talentoso encenador e dramaturgo Ricardo Neves-Neves para nos escrever um enredo, inspirado na música inclusa nos manuscritos e em consonância com o texto que resulta dos mesmos.

Que melhor forma de combater o preconceito em relação à ópera do que apresentar um espectáculo em português, sobre uma heroína nacional e com uma linguagem atual, plena da inteligência satírica a que Neves-Neves nos tem vindo a habituar nas suas produções e que, de resto, comprovou no título inaugural do LOP, com a original encenação da comédia "As Cortes de Júpiter", de Gil Vicente?

E o trabalho começou.

A temática não podia ser mais estimulante.

Falar na MARIA DA FONTE é evocar um dos capítulos mais importantes da nossa História. Trata-se da primeira e única revolta no feminino da nossa História, uma revolta da mulher minhota, uma revolta local cujo aproveitamento político a catapultou muito rapidamente para uma dimensão nacional que ainda hoje perdura no imaginário coletivo.

MARIA DA FONTE é uma e muitas mulheres, dando-nos a oportunidade de convidar a refletir sobre a multifuncionalidade do papel da mulher portuguesa, no passado e hoje, quando tanto há ainda por fazer no domínio das questões de género e da igualdade.

Depois do sucesso retumbante da estreia moderna no Grande Auditório do CCB, em Lisboa, a Opereta MARIA DA FONTE chega ao Minho, o seu berço, plena de comicidade e ironia, plena de provocação, mas sem deixar para trás os princípios revolucionários que a revolta encerrou. Porque a luta pela igualdade, pela justiça e pelo respeito continua hoje tão atual como em 1846.

Jenny Silvestre

© Pedro Macedo / Framed Photos

CONFERÊNCIAS
LABORATÓRIO DE ÓPERA PORTUGUESA

A recuperação de património histórico requer sempre, como garantia de um trabalho historicamente informado, o acompanhamento de especialistas e investigadores. Essa a razão da existência de uma parceria permanente entre o Laboratório de Ópera Portuguesa e o CESEM.

No entanto, o trabalho não se esgota no tratamento dos materiais que se pretende colocar à disposição de todos. Entendemos que cada título reserva em si a oportunidade de promover o intercâmbio entre especialistas e investigadores, das mais variadas vertentes de estudo.

Com MARIA DA FONTE fomos ainda mais longe.

Para além do trabalho investigativo, quisemos associar às nossas conferências testemunhos na 1ª pessoa de mulheres empreendedoras, mulheres que dão cartas nos mais variados domínios de atividade, dentro e fora de Portugal.
Quisemos aqui contar, predominantemente e inspirados pelo fenómeno MARIA DA FONTE, com a mulher minhota. Fizemo-lo convictos da importância de nos assumir--mos não apenas como motor de recuperação da nossa herança histórica comum, mas também como montra do que de melhor se faz no nosso país.

Assim, as conferências foram estruturadas em 4 momentos: o primeiro, no dia da abertura oficial da Semana MARIA DA FONTE, com a apresentação de 3 comunicações; o segundo, repartido pelos dias 8 e 10 de Novembro, centrado nos mencionados testemunhos na 1ª pessoa; o terceiro, focado na apresentação de trabalhos de matriz investigativa e científica; e, finalmente, o quarto, de encerramento, durante o qual, para além das conclusões, se permite aos presentes tomar contacto concreto com o processo de recuperação da opereta de Augusto Machado e criação do espetáculo em estreia.

APRESENTADO EM
2024 | PORTO, COLISEU PORTO AGEAS
2024 | FAFE, MULTIUSOS DE FAFE
2024 | PÓVOA DE LANHOSO, THEATRO CLUB
ESTREIA, 2023 | LISBOA, CENTRO CULTURAL DE BELÉM

© Pedro Macedo / Framed Photos

MARIA DA FONTE

OPERETA DE AUGUSTO MACHADO

M12 | 90MIN

Direção do Laboratório
de Ópera Portuguesa
Jenny Silvestre
Direção de estudos musicológicos
Luísa Cymbron
(CESEM / NOVA-FCSH)
Direcção musical
e edição da partitura moderna
Maestro João Paulo Santos
Encenação e libreto moderno
Ricardo Neves-Neves
Libreto (partes cantadas)
Gervásio Lobato
Jaime Batalha Reis
Eça Leal

Solistas
Maria da Fonte **Cátia Moreso**
Abade Cortições **Luís Rodrigues**
Ludovino **Marco Alves dos Santos**
Joana **Eduarda Melo**
Perpétua **Inês Simões**
Onofre **Ricardo Panela**
Vilar **Tiago Matos**
Aniceto **João Merino**

ORQUESTRA SINFÓNICA ARTAVE
CORO DO TEATRO NACIONAL
DE SÃO CARLOS

Atores
Chefe do Exército Real
António Ignês
Domingas
Juliana Campos
Fantasma
Gonçalo Fonseca
Lemúria
Rita Carolina Silva
Ninfas do Minho / Exército Real
Afonso Abreu
Afonso Lourenço
Guilherme Arabolaza
Pedro Deus
Rafael Balão
Ruben Teixeira
Rui Miguel
Tiago Estremores

Assistente de direção musical
Joaquim Ribeiro
Correpetidores
Joana David
Nuno Margarido Lopes

Direção de cena
Por definir

Assistente de Direcção de Cena
Carolina Gonçalves
Figurinos
Rafaela Mapril
Assistência de figurinos
Inês Oliveira
Margarida da Silva
Confecção
Ana Baltar
Ana Santos
Inês Oliveira
OPART-TNSC Ana Paula Simaria
Célia Libanio
Diogo Santos
Márcia Val Miyamoto

Guarda-roupa
OPART-TNSC Anabela Vicente
Patrícia Abreu
Adereços
Lea Managil
Rui Gueifão
OPART-TNSC Nuno Barracas
Cenário
Ricardo Neves-Neves
com consultoria técnica
de **Cristina Piedade**
e ilustrações de **José Cruz**
Design Gráfico
e ilustração de adereços
José Cruz
Desenho de luz
Vasco Ferreira
Desenho de som
Frederico Pereira
Sonoplastia
Sérgio Delgado
Movimento e coreografia
Joana Mestre
Coreografia de combates
Tiago da Cruz

Maquilhagem e caracterização
Por definir
Assistentes de maquilhagem
e caracterização
Catarina Félix
Carolina Gonçalves
Bruno Saavedra
Dennis Correia
Fotografia cartaz e spot
Pedro Macedo / Framed Films

Assistentes de encenação
António Ignês
Juliana Campos
Rita Carolina Silva

Produção
OPART-TNSC Mafalda Gouveia
Luís Marreiros
Marta Silva
Difusão
José Leite
Produção CCB
Patrícia Silva
Comunicação e Assessoria
de Imprensa TdE
Mafalda Simões
Comunicação e Assessoria
de Imprensa APARM
Ana Abrantes
Marina Sobral
Filipe Pinho
Comunicação e Assessoria
de Imprensa OPART-TNSC
Raquel Maló
André Quendera
Margarida Macedo de Sousa
Maria Salgado
Coordenação
de comunicação CCB
Sofia Mântua
Assessoria de imprensa CCB
Sofia Cardim
Produção editorial e revisão CCB
João Moço

Coordenação do Coro
João Carlos Andrade
Isabel Pina

Projeto educativo
Jenny Silvestre
Sara Castro
Ana Proença
Helena Carvalho Pereira

Coprodução
APARM – Academia Portuguesa de Artes Musicais, Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Égide - Associação Portuguesa das Artes e Teatro do Eléctrico

Mecenas do Laboratório
de Ópera Portuguesa
Ouro Pereira LDA, Cândido Vieira LDA, Casa do Monte da Veiga, Azal-enkantada, Esfani - Confecções, Lda, Materiais de construção, Óptica 1 de Álvaro Oliveira LDA, Foco Criativo Unipessoal, Hotel Rural Maria da Fonte, Superpóvoa Supermercados SA, Baptista e Soares SA, DAEL Indústria Metalúrgica LDA, TRANSNOS, Jorge Pinheiro Automovéis e Ramiro & Carvalho, Lda, Academia de Música, José Atalaya - Fafe, Banda de Golães - Fafe

Parceiros Estratégicos
Égide, Associação Portuguesa das Artes, Fafe Munícipio
Póvoa de Lanhoso Município

Agradecimentos
Fernando Gomes, Paulo Freitas
Quinta Pedagógica dos Olivais
e **Adega Belém Urban Winery**

LIBRETO

PARTES CANTADAS
Gervásio Lobato
Jaime Batalha Reis
Eça Leal

PARTES DECLAMADAS
Ricardo Neves-Neves

PERSONAGENS
Joana
Maria
Perpétua
Ludovino
Cortições
Onofre
Vilar
Aniceto
Domingas
Chefe do Exército Real Segismundo
Coro (Povo; Mulheres)

CENA 1

CORO

CORO
Vamos lá p'ra a romaria,
Que este dia
Consagrado é ao prazer.

Ao trabalho e às fadigas
Fazer figas!
É cantar, dançar, beber!

HOMEM 1 e HOMEM 2
Maria, vai um pezinho de dança?
(Maria não responde. Olham um para o outro)
Eu perguntei primeiro.
Não, eu perguntei primeiro.
(Os homens lutam. Maria afasta-se enfastiada. Começam os rumores na aldeia, que saltitam em segredo)

MULHER 1
A Maria recusou um pezinho de dança.

MULHER 2
A Maria aceitou um pezinho de dança.

MULHER 3
A Maria aceitou um pezinho de dança com os dois ao mesmo tempo.

HOMEM 3
Com os dois pés?

MULHER 3
Não, com os dois mancebos.

HOMEM 3
A Maria anda metida com dois mancebos.
Parece que são espanhóis.

MULHER 4
A Maria vai para Sevilha com um amante de camisa aberta.

HOMEM 4
A Maria vai fugir, porque está tão grávida que não há roupa que lhe sirva.

MULHER 5
A Maria está grávida de gémeos e não sabe que é o pai.

HOMEM 5
Nem a mãe.

MULHER 6
Ludovino, põe-te a pau que parece que a Maria arranjou outro.

LUDOVINO
O quê? A Maria tem outro?
A Maria entregou-se nos braços
de outro homem, quebrando assim
a nossa promessa de fidelidade e castidade?
Traição! Joana!
(Joana está nos braços de outro homem.)
Vamos dançar?

JOANA
Não me faço rogada.
(Corre para Ludovino.)

HOMEM 6
O Ludovino convidou a Joana para dançar.

MULHER 7
O Ludovino e a Joana vão casar.

LUDOVINO
E para quando fica o nosso casamento?

HOMEM 7
E não é que vão mesmo?

JOANA
Ludovino, tens de pedir a minha mão em casamento ao Abade Cortições, que é como se fosse meu pai.

MULHER 8
Parece que o Cortições já aprovou o casamento.

LUDOVINO
Falo com ele amanhã de manhã, está decidido!... *(Aparte.)*
Adeus Maria!

Coro
Viva os noivos!

DUETINO

JOANA
É que por variadíssimos motivos
Terei orgulho em ser tua mulher.
Tu és a sorte grande cá da aldeia.
Tens tudo quanto uma mulher requer.

LUDOVINO
Mais do que tens também ninguém deseja.
És muito séria, honesta e verdadeira
E o que faria com que eu te leve à igreja
É não julgar que és namoradeira.

JOANA *(Aparte)*
Ai, se julgasse ele acertava, olé!
Porém não julga e não me passa o pé.

LUDOVINO *(Aparte)*
Se ela soubesse que em Maria eu penso
E que esse amor estou certo que não venço...

JOANA *(Aparte)*
Não devo andar correndo seca e meca
Que eu tenho este cá!

LUDOVINO *(Aparte)*
Mas à Maria chamam-lhe perdida!
Não sei que voltas dê à minha vida.

JUNTOS

JOANA
Então só nos resta
Tratar de casar
Amanhã na festa
Já deve constar.
Casório de arromba
Dará que falar.
Vai ser uma bomba
Na aldeia a estalar,
Dará que falar.

LUDOVINO
Seria uma festa
Tratar de casar!
Mas bato na testa
E fico a pensar:
Casório de arromba
Convém demorar.
Seria uma bomba
Na aldeia a estalar!

JOANA
Ludovino, meu amor primeiro
Já te dei o coração inteiro.
Com franqueza nunca amei assim
A não ser...

LUDOVINO
Quem?!

JOANA
Quero dizer...
A não ser o Ludovino
(Aparte) **enfim...**

LUDOVINO
Também eu, ó Joaninha,
Nunca amei ninguém assim
A não ser...

JOANA
Quem?!

LUDOVINO
A não ser a ti
(Aparte) **enfim...**

JOANA
Aceita esta verdade
A ninguém eu dei a liberdade
De na face um beijo me gravar
A não ser...

LUDOVINO
A quem?!

JOANA
Quero dizer a não ser a ti...
ao escapar.

JUNTOS

JOANA
Então só nos resta
Tratar de casar
Amanhã na festa
Já deve constar.
Casório de arromba
Dará que falar.
Vai ser uma bomba
Na aldeia a estalar!

LUDOVINO
Seria uma festa
Tratar de casar!
Mas bato na testa
E fico a pensar:
Casório de arromba
Convém demorar
Seria uma bomba
Na aldeia a estalar!
(Ludovino sai.)

CENA 2

CANÇÃO

DOMINGAS
Ó Joana e tu estás pronta
para assentar?

JOANA
Claro! Quando entrar na quinta
do Ludovino, com a garagem cheia
de cavalos de Fórmula 1 e me sentar
àquela mesa de mogno, comprida
e cheia de castiçais de prata com velas
por estrear, não me vou lembrar
dos olhos azuis do Martinho.
Nem do Chico e dos seus bíceps
de lutador. Nem do António
e os seus quase dois metros de altura.
Nem do matulão do Simão, do João,
do Miguel, do João Miguel, do Fernando,
do Pedro Mouco, dos irmãos Lobato,
da Cátia ou do Joaquim de Vila d!Anha.
Vou dedicar-me ao Ludovino
e ser-lhe para sempre fiel.

JOANA
Ai minha mãe que me morro
Que me morro de paixão!
Os olhos de D. Martinho
Mi madre matar-me-ão.
O corpo tiene de hombre,
Os olhos de mulher são.

Tenho um namorado
Com olhos azuis
Que é cá dos rapazes
Gentis e tafuis,
E os olhos do Chico
Que pretos que são!
Carvões que me fazem
Arder em paixão.

D. Martinho de avisado
Cadeira mandou chegar
E pôs-lhe o capote em cima
Para mais alto ficar.

O António é alto
Esbelto, gentil
De bago é que é falto!
Assim há aos mil!

Não é deste lote
Um outro que eu sei,
Moreno e baixote,
A quem desfrutei.

CENA 3

(Vilar e Onofre estão a beber ao balcão da taberna de Aniceto. Entra Perpétua.)

PERPÉTUA
Salvé! Sr. Aniceto, avie-me vinho
para a missa, se me fizer o obséquio.

ANICETO
Sim, Perpétua.

PERPÉTUA
Perpétua?

ANICETO
Sim, D. Perpétua.

PERPÉTUA
Pois claro, que não sou menos
que a rainha. *(Para o céu.)*
Ainda bem que já morreste,
meu Segismundo, para não teres
o desgosto de veres a tua viúva,
a viúva de um homem que regou
a árvore da liberdade com o seu
sangue, ser enxovalhada desta maneira
e numa taberna que nunca passaria
nas leis da moral, da decência e da ASAE.
(Aniceto coloca um pacote de vinho em cima do balcão.)

PERPÉTUA
Isto quanto é?

ANICETO
Litro e meio.

PERPÉTUA
Litro e meio? Não vê que é para a missa
dos meninos órfãos de pai e mãe?
Reforça-se a dosagem, que sempre
levam algum sustento, pobrezinhos.

ANICETO
O tinto já acabou, D. Perpétua.

PERPÉTUA
Traga então do verde.
Frisante, se o tiver.

ANICETO
Amendoins ou tremoços?

PERPÉTUA
Hóstias. 2 pacotes industriais.

ANICETO
O vinho é fresco ou natural?

PERPÉTUA
Natural, que os gaiatos ainda
se constipam e depois não querem trabalhar.

ANICETO
Embrulho em papel de jornal?

PERPÉTUA
Por mim, não faça cerimónia.
Para quem é...

ANICETO
D. Perpétua, só se for cerimónia nupcial.

PERPÉTUA
Se for para o ver no altar, que seja dentro de um caixão.

Aniceto
Perpetuamente fria e impiedosa.

Perpétua
Não pense que me leva com encómios.

Aniceto
E eu comi-os.

Perpétua
Deixe-se de trocadilhos,
que isso é pecado. Ai Segismundo,
se fosses vivo, coitadinho...

Aniceto
É o Abade Cortições que chega?

Perpétua
Já lhe ouço a batina a dar a dar.

COPLAS DO BREVIÁRIO

CORTIÇÕES
Qui tollis peccata mundi
***Dicebat* Santo Hilário.**

PERPÉTUA E ANICETO
Oh, que devoção me infunde
O seu santo breviário.

CORTIÇÕES
In illo tempore
Ser padecente,
Sofrer somente,
Era bem bom, bem bom.
Que gente aquela!
Amar a morte
Era o seu forte.
Kyrie eleison.

In illo tempore
Nutrir as feras
Era deveras
Prazer até.
Diremos hoje
Prazer atroz.
Libera nos
E Domine.

Os homens santos
Eram assados,
Fritos, torrados
Como café, olé!
Hoje ao calor
Ninguém se atreve,
Toma-se neve
E capilé
E Domine.

Se procuramos
Na Capadócia
Ou na Beócia Santos achamos.
Mas em Lisboa,
Mesmo em Cacilhas,
Com maravilhas
Não deparamos.
Gratias agamus.
(Montam a mesa do jogo de cartas.)

ONOFRE
O Sr. Abade hoje vai levar uma abada.

PERPÉTUA
Que bonito trocadilho,
pensa que está nos 100 anos
do Parque Mayer?

ONOFRE
Cada um dá o que tem.

DOMINGAS
Boa tarde, Sr. Aniceto.

ONOFRE
E a mim não cumprimenta, menina Domingas?

DOMIGAS
Oi.

(Onofre derrete-se. Domingas põe uma moeda na Jukebox.
A música começa e Domingas dança.)

ONOFRE
Já ganhei o dia. Aniceto,
sai um calcinho de vinho de Amarante
para mim e outro para a menina Domingas.

DOMINGAS
Não bebo. Mas se me quiser meter aqui uma moeda, aceito.
(Onofre junta-se a Domingas.)

COPLAS ONOFRE

ONOFRE
A Domingas tem encantos.
E as más-línguas dizem dela
Cousas tristes, impossíveis.
Eu desprezo os maldizentes
E em contestações não entro.
Que me importa que se diga
Que ela mete os pés pra dentro!
E embora os tenha assim
Pra mim é um quindim!

Que ela tem os olhos tortos.
(E ela é vesga com efeito!)
Há, porém, ocasiões
Que pra mim olha direito.
E vesga ser assim
Não passa de um quindim!

Diz a-a-a-mar-te desta arte
E não é de voz à mingua.
É que p!ra dizer amor
Inda não lhe chega a língua!
E ser gaga, quanto a mim,
Não passa de um quindim!

Três estrelas tem na testa.
Mas insistem os vizinhos
Em dizer que estes três astros
São três enormes lobinhos.
Ter lobos, cá para mim,
Não passa de um quindim!

CORTIÇÕES E VILAR
Aniceto, para mim um "Martiním".
Olha, já não morremos hoje.
Mas para mim, sem azeitonas.
(Entreolham-se.)
Meta antes uma ginja.
E duas raspas de limão.
(Cortições e Vilar faíscam.)

PERPÉTUA
Ai credo, estão cá com uma sintonia.
Até parece combinado.

CORTIÇÕES E VILAR
Meia pedrinha de gelo

ANICETO
É o que acontece quando as almas são muito gémeas. Quer ver?

PERPÉTUA E ANICETO
Quero ver o quê? Oh, esteja quieto que isso é pecado. Cale-se, não seja parvo. Ai Segismundo, meu falecido, repara como me arremessam mãos-cheias de vergonha.

ANICETO
Ora ouviu o eco da afeição? Agora dê-me cá um beijinho.

(Perpétua tenta dar um estalo a Aniceto pela esquerda. Aniceto defende-se. Depois pela direita. Aniceto defende-se. Depois uma joelhada. Aniceto defende-se. Perpétua finge que desiste e aplica-lhe uma cabeçada em cheio no centro do alvo da cara de Aniceto. Aniceto cambaleia.)

CORTIÇÕES E VILAR
Em copo alto e com duas rodelas de calamares.

ANICETO
É para já.

CENA 4

ENTRADA E COPLAS DE MARIA

(Ainda na taberna. O chão treme.)

CORTIÇÕES
Ó diabo, que será isto?

MARIA
Quando eu saí de casa o sol
Vinha a nascer, rompia o dia.
Já não cantava o rouxinol,
Cantava ainda a cotovia.

Quando ainda à noite nos casais
Se ouvem os homens ressonar
Já eu, os melros e os pardais
Nos campos vamos a voar.

E como o canto da andorinha
Enche a manhã de chilreadas
Vou eu também, livre e sozinha,
Saudar o sol com gargalhadas.

Com uma cana a pescar
Pus-me na margem do rio
Donde visse a romaria
Que ali devia passar.

Vejo os dois morgados da quinta do monte
Pararem de fronte muito embasbacados
E por duas vezes um a mim chegou-se
Como se isto fosse roupa de franceses

Levanto-me logo sem tirte nem guarte
E co!a mão desta arte
Pespeguei-lhe fogo.
Bateu numa frágua perdeu o boné,
deslisou-lhe o pé,
Caiu dentro d'água.

E, como o João tinha o cão na horta,
Saltei té à porta
E açolei o cão.

Que, pra meu consolo,
Se foi ao morgado que tinha ficado
com cara de tolo.

E o canzarrão por castigo
Rasgou-lhe os calções
De modo e num sítio
Que ficou todo, mesmo todo...
Mais, Eu não digo!

E enquanto o cão se anima
E o da ria barafusta
Gritava-lhe eu cá de cima:
Agarrá-las é que custa!

Já perto da aldeia
A um padre devasso
Que queria um abraço
Eu dei de mão cheia
Um soco pesado.
Que o achei a jeito,

Que lhe teria feito
Um galo encarnado.
E já aqui à porta
A um grande marão
Tirei eu o pão,
Gritando;
Vai torta!

Fazendo um bom jogo
Bem viram eu só,
Toquei-lhes sem dó
Nas costas a fogo.
Tenho estas pernas e este braço
Fortes de orgulho e mocidade
Para defender sem embaraço
A minha querida liberdade.

MARIA
Bom dia. Aniceto, o costume.

ANICETO
Bom dia, Maria. Aqui tens.
(Aniceto serve-lhe um triple shot
de bagaço e um pastel de bacalhau.
Maria paga e repete para a mesa do jogo.)

MARIA
Bom dia.

CORTIÇÕES
Parece que ouço vozes.
É certamente o Espírito-Santo
a cochichar-me algum versículo.

VILAR
Maria, a beber a esta hora?

ONOFRE
É tão cedo. Ainda agora é 1846.

MARIA
Que engraçado. Os homens estão
todos a beber e para eles não é "tão"
cedo. Existe alguma lei que indique
que uma mulher só pode molhar
o bico a partir de determinado horário?

PERPÉTUA
Uma mulher não bebe. Uma mulher
não fuma. Uma mulher não foge
às suas obrigações. Obedecer, obedecer, obedecer.
(Maria pega na garrafa, bebe
pelo gargalo até ao fim e parte-a
na cabeça. Arregaça a manga
e mostra a tatuagem. Onofre lê:)

ONOFRE
Free Tibete.

ANICETO
Então hoje o jogo é a dinheiro
ou feijões?

CORTIÇÕES
Cash, que o restauro da torre sineira
e a onzena do BM não são pagos
pelos Reis Magos.

PERPÉTUA
Da minha parte é a Pai-Nossos,
que está na hora de rezar o terço.
(Olhando para Maria)
O ar está poluído de pecado.
(Com a mão na testa)
Tenho a calota a derreter
com esta presença do Inferno.
(Põe o crucifixo na boca.
Engasga-se e sai.)

CORTIÇÕES
Tem lume? Confisquei estes cubanos
a um galego que veio da Alemanha.
Deixou-me uns folhetos.
Deve ser da Igreja Luterana.
Please, não tem noção.
(Acende o charuto.)

VILAR *(Lendo)*
Os novos ideais de Marx.

ONOFRE
Marx é chocolates.

CORTIÇÕES
Então devolva-me o papel.

CENA 5

(Entram Joana e Ludovino de braço dado.)

HOMEM 1 e 2
Olá Joana.

HOMEM 3 e 4
Olá Joaninha.

LUDOVINO
Como conheces estes homens?

JOANA
São meus irmãos.

LUDOVINO
Todos eles?

JOANA
Não, só aquele. Os outros são irmãos dele,
tanto do lado da mãe, como do lado do pai.
Vê! A Maria já tão cedo na taberna, rodeada
de não sei quantos.
(Maria cai embriagada nos braços de Onofre e Vilar. Ri-se sozinha.)

LUDOVINO
Está incrivelmente alcoolizada.

JOANA
Talvez seja perfume a mais.

ONOFRE
Aniceto, traz café.

TERCETTO

LUDOVINO
Tens tu visto ao pé das uvas
Nas latadas
Bem ao alcance da mão
Penduradas
Que logo às primeiras chuvas
Estragadas
Pelo vento esbacadas
Vêm ao chão?

Pois aí tens!
A Maria quem quiser
É só tocar-lhe co!a mão,
É falar-lhe um só dia
P'ra a colher já no chão.

JOANA
Deixa-a lá, coitada,
Enganada viverá!

LUDOVINO
Eu sei é desgraçada,
Do que foi está bem mudada.

MARIA
Ai eu sou coitada?
Deixem lá!
O que eu sou ninguém saberá!
Enganada viverá
E eu livre serei sem lenços de seda.

LUDOVINO
É o rico quem mais goza!
Ricos, bem sabes, seremos!
Todos os dias veremos cor-de-rosa!

LUDOVINO, JOANA
Nós seremos dois tafuis,
Viverás (viverei) tranquila e queda,
Dar-te-ei (dar-me-ás) lenços de seda,
Dar-te-ei (dar-me-ás) meias azuis.

MARIA
São ricos os manganões,
Têm mais este defeito,
Que lhes faça bom proveito
Os seus milhões!
Riquezas vêm a ser manhas,
Prove-as quem tem ouro em pó
Que para viver bastam só
Duas castanhas.

JUNTOS

LUDOVINO, JOANA
Nós seremos dois tafuis,
Viverás (viverei) tranquila e queda,
Dar-te-ei (dar-me-ás) lenços de seda,
Dar-te-ei (dar-me-ás) meias azuis.

MARIA
Mentirosos, mas tafuis,
Pois que Deus lhe dê ventura.
Assim suceda.
Livre sem meias de seda
nem meias azuis.

MARIA
Aniceto, só mais uma pinguinha.
Mas uma pinguinha grossa,
que me encha a caneca.
(Aniceto nega voltar a servi-la. Maria vai à caça de vinho nas outras mesas.)
O vinho é sangue de Deus,
não é Sr. Abade? Benza-me
aqui este copinho, para absolver
os meus pecados.

ANICETO
Por hoje chega, Maria.

MARIA *(Olhando para Ludovino)*
Estou a festejar a minha independência.

LUDOVINO
Aniceto, enche-me o copo, se faz favor.
E também o de Joana.

JOANA
Fixe.

MARIA
Então e o meu?

LUDOVINO
Como quiseres.
(Faz sinal a Aniceto, que enche o copo de Maria.)

CANÇÃO

MARIA
A vida é o gozo e prazer
Correndo veloz no espaço,
É o tempo de beber
E de trocar um abraço.
Perdem as aves o ninho,
Vão-se as horas a fugir,
Vai-se o chorar e até o rir,

Só há tempo para pedir mais vinho!

LUDOVINO
Ela num tal descaminho
Chegar assim a cair,
Chegar assim a pedir mais vinho!

MARIA
De verão o bom vinho enforcado
E o maduro p!ro inverno,
Sendo o amante mais amado
O amante que é mais moderno.
E enquanto puder gozar
Hei-de sempre proclamar
Como verdade e bem sabida
Que é o melhor desta vida variar.

LUDOVINO
Também eu vou adoptar
Como verdade sabida
Que é o melhor desta vida variar.

CENA 6

(Marcha militar. Entra o Exército Real com expressões de fúria.)

EXÉRCITO CORAL
1, 2, esquerdo direito.
1, 2, depila o peito.
1, 2, esquerdo direito.
1, 2, depila o peito.
A gente vem de Lisboa,
representando a Coroa.
Marchamos em parada gay,
para ler o decreto lei. (Bis)

CHEFE DO EXÉRCITO REAL
(tira um papiro em tons pastel da sua mala de mão estilo Isabel II de Inglaterra)
Houlá da Província!
(Reparando nas ovelhas de Maria)
Ah, tão giro. São ovelhas, não é?
Que lindas! Dão lã?

MARIA
Não. *(Tempo.)*
Dão sushi.

CHEFE DO EXÉRCITO REAL
Uau. Que diferente. Bom, oiçam todxs.
Vimos anunciar as novas leis Cabralistas
que o Costa Cabral escreveu
para o Cabralismo, com aprovação
da Magnânima D. Rainha D. Maria II.

EXÈRCITO CORAL
Now Sissy that Walk.
(E marcham de mão na anca.)

CHEFE DO EXÉRCITO REAL
Lei nº 1: Prestem bem atenção,
senão depois não percebem nada
do que vai acontecer
daqui para a frente. Vou repetir.
Lei nº 1: Nem o Povo, nem mais
ninguém que não seja bem nascido,
tem autorização de sepultar os mortos
dentro das Igrejas. A Magnânima
D. Rainha D. Maria II e o Cabral
mandaram construir cemitérios
em lotes descampados praticamente
fora das cidades, para que lá sejam
enterrados tanto os cadáveres,
como quem já não esteja vivo.
E não é grátis, que se paga imposto.
Em cima de tal matéria, ainda acresce
a despesa de uma certidão de óbito
e uma licença sanitária, onde constarão
os dados pessoais e o resultado
da autópsia do vosso cadáver.
Fui claro? Pronto.

EXÉRCITO CORAL
Now Sissy that Walk.
(E marcham de mão na anca.)

CHEFE DO EXÉRCITO REAL
Lei nº 2: A carga fiscal vai aumentar,
o que quer dizer que os impostos
vão subir. Em palavras caras,
mas sucintas: a Magnânima D. Rainha
D. Maria II e o Cabral procederam
a uma reorganização fiscal,
com a exigência do recenseamento

da propriedade e a introdução
da contribuição predial, entre outros.
Para mais informações acedam
à Área Fiscal em *www.cabral.gov*. Ok?

EXÉRCITO CORAL
Now Sissy that Walk.
(E marcham de mão na anca uma vez mais, amiga.)

CHEFE DO EXÉRCITO REAL
Lei 3, esta é importante:
Todos os homens, todos sem excepção,
todos-todos-todos, serão recrutados
para vários anos de tropa.
Não escapa nenhum, que a gente lá em Lisboa
temos muita falta de homens.
Tasse? Gratiluz! Com a vossa licença,
graciosa gentuça.

EXÉRCITO CORAL
Now Sissy that Walk.
(E saem de mão na anca,
a marchar em direcção ao horizonte, onde se fundem
com o pôr-do-sol em longínquos fogos de artifício,
parecendo a Madeira no Reveillon.)

POVO
Vão para o diabo! Para o diabo todos!

PERPÉTUA
Não percebi bem o que aqui sucedeu,
mas será certamente um grande
pecado. Ai Segismundo, que será isto?

MARIA
Graciosa gentuça?

ANICETO
Vão subir ainda mais os impostos?
Mas como é que se pode subir
o que já está para lá dos píncaros?

MARIA
Que história é aquela de não enterrar
os mortos na Igreja?

ONOFRE
E todos os homens vão ser recrutados
para vários anos de tropa em Lisboa?

JOANA
Os homens todos vão para a recruta?
Não fica cá nenhum? *(Chora.)*

PERPÉTUA
Mas temos de obedecer.
As leis são feitas para o nosso bem.
As leis são feitas para obedecer.

MARIA
Beata! Mulher mais apagada
que uma vela debaixo de água.

FINAL I

JUNTOS

JOANA
Se eles recrutam o povo
Lá se vai o namorado!
Este caso é novo.
Qual será o resultado?
Caso assim nunca vi!
A minha sorte mudou
O dia de amanhã
Traz cousas de espantar. O que será?
O que for soará!

MARIA
Ai, se eu pudesse levantar o povo...
O Ludovino não será soldado!
Estou maquinando um plano certo e novo.
Vou conseguir um belo resultado,
Alerta estou.
Caso assim nunca vi!
Isto vai dar que falar!
Vou-lhes mostrar
Quem eu sou.
O dia de amanhã
Traz cousas de espantar.
O que será?
O que for soará!

PERPÉTUA
Vão recrutar o nosso povo,
Vai tudo preso pra soldado!
Qual será o resultado?
Caso assim nunca vi!
Eu estou tremendo!
O dia de amanhã
Traz cousas de espantar.
O que será?
O que for soará!

ONOFRE
Ai se recrutam o povo
Irei também ser soldado!
Vão recrutar o nosso povo,
Qual será o resultado?
Caso assim nunca vi!
Pra me casar aqui estou
E nenhum deles me casou.
O dia de amanhã
Traz cousas de espantar.
O que será?
O que for soará!

ANICETO
Penso em Perpétua e não no povo
Tu vales mais do que um batizado.
De amor, querida, estou cheio como um ovo!
Meu amor se entranhou
Eu estou muito apaixonado!
Que sairá daqui?
Caso assim nunca vi!
Há talvez que lutar.
O meu amor se entranhou! O dia de amanhã
Traz cousas de espantar. O que será?
O que for soará!

CORTIÇÕES e ANICETO
Entregarei à tropa o meu povo
Tudo daqui irá ser soldado
Será bom o resultado?
Que sairá daqui?
Caso assim nunca vi!
Temos talvez de lutar!

Hei de mostrar quem eu sou
O dia de amanhã
Traz cousas de espantar.
O que será?
O que for soará!

CENA 7

MARIA
Não deixemos a tropa levar os rapazes!

POVO
Não deixamos a tropa levar os rapazes!

CORTIÇÕES E VILAR
(mais recolhidos da barafunda, sobre Maria)
Mas quem agarra esta rapariga?

VILAR
(a rir, para Cortições)
Ai, pára de falar ao mesmo tempo que eu, que doido!

MARIA
E não nos vamos ficar por aqui.
Os impostos é fácil: não os pagamos.
E os mortos vão todos a enterrar
no adro das Igrejas como sempre
foi costume!

POVO
Sim! Sim, sim!

PERPÉTUA
Mas enterrados ao ar livre,
que mal tem? O ar puro
faz tão bem à saúde.

VILAR
Não se pode enterrar nas igrejas
por causa dos maus cheiros dos mortos,
que são prejudiciais à saúde e causam anemias
e outros paradigmas.

MARIA
Ora, se começarem a proibir a entrada
na Igreja àqueles que trazem maus cheiros,
metade de vocês fica no lado de fora.
Isto cheira-me a propaganda do Cabral.

POVO
Propaganda não! Não, não!

CORTIÇÕES
Costa Cabral governa com mão de ferro.
Não há como contrariá-lo.

MARIA
Mas sendo eu a Maria da Fonte,
vou jorrar-lhe tanta água
para a sua mão de ferro,
que se há-de desfazer em ferrugem.

POVO
Que bonito trocadilho. E tão heróico!

JOANA
Enterrar os mortos num terreno baldio,
praticamente fora dos limites da urbe,
tão fora de mão.

ONOFRE
É muito longe, uma pessoa
mal ganha para o petróleo.

MARIA
Sepultar dentro da Igreja é uma questão
de respeito por quem já foi parte da gente.

ONOFRE
E ainda pedem um papel a explicar
do que morreu quem morreu.

MARIA
Ora a quem já morreu, que lhe
interessa saber de que morreu?

JOANA
E esse papel paga-se.

PERPÉTUA
Um papel para confirmar
que o morto está mesmo morto?

MARIA
E a gente não vê isso?
É preciso vir alguém de fora para confirmar?

CORO
Nós já vamos ver se serão capazes
De levar daqui os rapazes!

MARIA *(CORO repete)*
Povo de pé!
Povo avante!
Já a águia abriu a asa.

Para defender o amante,
Os filhos, as mães, a casa!
Começou a romaria
Que santifica e melhora.
Rompe o sol de um novo dia,
Vai connosco Deus agora.

CENA 8

CORTIÇÕES E VILAR
Não sei se aquela rapariga...

CORTIÇÕES
Com licença Vilar, agora vou eu.

VILAR
Faz favor, Sr. Abade.

CORTIÇÕES
Não sei se aquela rapariga é uma
mulher ou o diabo.

VILAR
A incitar o povo à revolta!

ANICETO
Mas onde está o problema?
Não podemos aceitar todas as leis
novas que nos entalam na garganta,
só porque sim. Temos todos uma palavra
a dizer.

VILAR
Aniceto, meu bom burro.
As leis vêm de cima, do mesmo lugar
que nos pode fazer ascender,
a mim e ao Abade Cortições, que
somos praticamente da alta função pública.

CORTIÇÕES
Estou farto de ser abade.
Quero subir na carreira e vestir melhor.
Assim nunca mais chego a Papa.

VILAR
Eu adorava ser presidente da câmara,
director de uma CCDR.
Ou pelo menos vereador.

CORTIÇÕES
E se perceberem em Lisboa,
que não temos a mão no povo
de uma aldeia perdida a norte, não
nos darão crédito para liderar projectos maiores.
Cónego é um dream job.

COPLAS CORTIÇÕES

CORTIÇÕES
E agora quem me fará cónego?
Só há S. Bento que me acuda
Pra nesta perna rechonchuda
As meias rosa envergar.
A coisa é para arreliar,
É de temer esta ressaca.
Talvez voltando a casaca
As meias possa eu então calçar.

Cónego, mágica palavra,
Que bom que é um canonicato!
Não há para um homem pacato
Mais invejável posição!
Cónego, doce palavrão!
O senhor cónego daqui,
O senhor cónego dali,
Como isto atrai consideração!
Por a batina do avesso
Em se tratando de política,
Prática ao abrigo da crítica,
Já o fez Caifás a Galileu.

Assim se trepa ao apogeu
Voltando o fato no cabido.
E eu estou aqui estou lá caído,
Juro a S. Carlos Borromeu!

Cónego, mágica palavra,
Que bom que é um canonicato!
Não há para um homem pacato
Mais invejável posição!
Cónego, doce palavrão!
O senhor cónego daqui,
O senhor cónego de ali,
Como isto atrai consideração!

CENA 9

(Maria entra com um cadáver
embrulhado numa manta.
Esperam-na um grupo de mulheres.)

MARIA
Minha gente!
Trago boas notícias!
Morreu a Custódia Teresa.

MULHERES *(Aplaudem)*
Viva!

MARIA
Sabem por que é que são boas notícias?

MULHERES *(Aplaudem)*
Não!
(Debaixo de uma pedra, aparecem
Cortições e Vilar, de gabardina,
chapéu de feltro e óculos de sol.
Um vigia de binóculos e o outro toma
notas de tudo o que vêem e ouvem.)

MARIA
Porque agora temos o pretexto
para contrariar as leis novas
e fazer as coisas à nossa vontade.
Em Lisboa é a D. Rainha D. Maria II
que governa.
No Minho é a D. Maria da Fonte que manda!
(Todas aplaudem.)

MULHERES
Vamos todas ao delírio!
(Entra Domingas atrasada.)

DOMINGAS
Atrasei-me. Desculpem.

MARIA
Só agora? Por onde andaste?

DOMINGAS
Estive num incêndio.
Mas depois, com o calor, deu-me
sede e vim-me embora.

MARIA
Ok. Vamos sepultar a Custódia Teresa
na Igreja do Mosteiro de Fonte Arcada,
debaixo de uma laje mesmo central e
de fronte à imagem de Maria, mãe de Deus.

DOMINGAS
Boa ideia! *(Para o Povo.)*
Esta é uma mulher tão devota,
que não se devia chamar Maria da Fonte,
mas Maria da Fé!

MULHERES
Maria da Fonte! Maria da Fé!
Maria da Fonte! Maria da Fé!
(Todas aplaudem e saem recitando
"All I want for Christmas is you",
de Camilo Castelo-Branco.)

CENA 10

CORTIÇÕES
Parece que a Maria vai mesmo avançar
com o seu plano de contrariar
tudo e mais alguma coisa.

VILAR
Assim não subimos a carreira.

CORTIÇÕES
A não ser que...

CORTIÇÕES E VILAR
A não ser que consigamos convencer
o povo a mudar de ideias,
com as nossas técnicas de persuasão.

TERCETTO

CORTIÇÕES
Por nós temos toda a gente.

VILAR
Não nos vencem!

ANICETO
Qual história!

CORTIÇÕES
Basta eu ser tão eloquente.

VILAR, ANICETO
Para ser certa a vitória.

CORTIÇÕES
Eu disponho dos maridos.

VILAR
Das mulheres disponho eu.

CORTIÇÕES
Sobre as confessadas, queridos,
O domínio é todo meu!
Tenho fé nos meus sermões!

VILAR
Acreditem, não é peta,
Tenho fé nos meus sermões!

ANICETO
Tenho fé nos seus sermões!
E eu no vinho da galheta
Para amansar os valentões.

OS TRÊS
Fica, pois, convencionado
Subjugar a multidão
E pra tal golpe de estado
Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES
Cá na aldeia somos tudo!

VILAR
Oh, se somos!

ANICETO
Oh, se são!

CORTIÇÕES, VILAR
Não te metas na questão

OS TRÊS
E pra tal golpe de estado
Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES
Vais ficar encarregado,
Mas cautela, juizinho!

VILAR
Quer-se muito juizinho!

ANICETO
Sim, senhor, terei cuidado

CORTIÇÕES
Com astúcia e paciência
Tudo vence um bom pastor.
Hás de distribuir o vinho....

VILAR
Nesta missa é bom que ajudes...

ANICETO
Mas o número de almudes...
Quanto vinho. Quanto vinho!

VILAR
Mas cuidado juizinho!

OS TRÊS
Fica, pois, convencionado
Subjugar a multidão
E pra tal golpe de estado
Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES
Cá na aldeia somos tudo!

VILAR
Oh, se somos!

ANICETO
Oh, se são!

CORTIÇÕES, VILAR
Não te metas na questão

OS TRÊS
E pra tal golpe de estado
Bastará a persuasão!

Cortições
Começamos por pagar uma visitinha
ao acampamento do Exército
e denunciar a Maria,
que está a fazer despertar no povo
ideias impróprias e contra a lei.

Aniceto
Irá certamente para a gaiola.

Vilar
Assim, quem fará figura de inflexível
perante o povo será o Exército Real e não a gente.

Cortições
E com a Maria presa, o resto é como roubar
um chupa-chupa a uma criança.

Vilar
O Sr. Abade foi largamente prendado pela inteligência.

Cortições
Isso são favores que Sua Excelência me faz ao ego.

VILAR
Pois deveras, que o acho um homem recheado
de sabedoria e erudição.

CORTIÇÕES
Retribuo o elogio.
Também não é qualquer patego
que chega a burocrata.

VILAR
Ai Abade, não se faz.
(A tapar a cara.)
Encho-me de vergonha,
pareço uma melancia de Agosto.

CORTIÇÕES
Curioso...
(Cortições estaca a olhar para Vilar.)
Tem os olhos verdes.

VILAR
Mudam de cor conforme a luz.

CORTIÇÕES
Vilar, oscula-me a jóia do terço.
(Vilar beija-lhe a jóia do terço,
enquanto olha Cortições nos olhos.)

VILAR
Ai Abade, beije-me.
Beije-me com a língua e rigor histórico.
(Vilar e Cortições beijam-se com som.
Aniceto que nunca se ausentou.)

ANICETO
Ah... Hello?

CORTIÇÕES
Aniceto, não me interrompa em plena confissão.
Sabe lá que traumas se poderão levantar,
quando deixamos um desabafo a meio.

CENA 11

(Ludovino irrompe pela taberna adentro
com Perpétua a correr atrás dele, ofegante.)

LUDOVINO
Sr. Abade, ainda bem que o apanho.

PERPÉTUA
Sr. Abade, repare quem encontrei
ainda agora e que diz que tem
uma coisa para lhe pedir.
Eu tentei impedi-lo, mas ele tem tantos músculos,
que quase me rachava ao meio.

LUDOVINO
Mal lhe toquei, D. Perpétua.

PERPÉTUA
Pois foi. Ai meu Segismundo,
vês tu de que matéria são hoje feitos os homens?
Têm menos fibra que um carapau.

CORTIÇÕES
Diga lá depressa, que acabei de chamar
uma caleche de mulas para me levar a tal sítio.

LUDOVINO
Sr. Abade, venho pedir-lhe
a mão de Joana em casamento,
a quem sei que presta as maiores
devoções de cuidado, protecção e mimo.

CORTIÇÕES
Não confirmo, nem desminto.

PERPÉTUA
Eu não disse?
Ponha-se a andar daqui para fora.

LUDOVINO
(ajoelha-se perante Cortições,
abre uma caixinha. Lá dentro está um anel.)
É uma pedra verdadeira,
extraída das minas da Serra d'Arga.

PERPÉTUA
Tem um brilho tão baço.
Parece um dente.

LUDOVINO
Sr. Abade, aceita que Joana
aceite a minha mão em casamento?

QUINTETO

CORTIÇÕES
Eu não lhe digo que não

LUDOVINO
Então?

CORTIÇÕES
Mas a ocasião é má.
Deixe que a crise termine
E apareça então por cá.

LUDOVINO
Mas senhor...

CORTIÇÕES
Não se amofine que nas boas graças está,
Pois nós todos em geral o estimamos...

PERPÉTUA, CORTIÇÕES, VILAR e ANACLETO
... e respeitamos e consideramos.
Como um noivo sem rival.

LUDOVINO
Isso é honra sem igual.
Agradeço a cortesia,
Mas saber desejo o dia
Em que devo possuir
Essa mão que vim pedir.

CORTIÇÕES
Brevemente!

LUDOVINO
Brevemente?

PERPÉTUA, CORTIÇÕES. VILAR e ANACLETO
Brevemente, brevemente!

LUDOVINO
Todavia francamente
Não me diz o dia certo.
Estou na mesma confusão!

JUNTOS

LUDOVINO
Esperarei, pois, que termine
Esta crise que é bem má.
E com quanto eu me amofine
Paciência Deus dará!

PERPÉTUA, CORTIÇÕES, VILAR e ANACLETO
Deixe que a crise termine
E apareça então por cá.
Mas por Deus não se amofine
Que nas boas graças está
E paciência Deus dará!

CORTIÇÕES
Ficará pró S. João.

PERPÉTUA, VILAR e ANICETO
Tem de mão
Calhar no verão.

LUDOVINO
Ficará pró S. João.

CORTIÇÕES
Ter um genro tão milhoso
Com a vida direitinha,
Ter um genro dinheiroso
Sempre foi ambição minha.

PERPÉTUA, LUDOVINO, VILAR e ANACLETO
Genro, genro, genro genro?!

PERPÉTUA
Que está dizendo?

LUDOVINO
Também eu não compreendo!

VILAR, *aparte*
Pois eu cá compreendo!

CORTIÇÕES
Disse genro? Eu já emendo.
Não repare Ludovino
E vós todos perdoai
Que á Joana sempre tive
Verdadeiro amor de pai.

PERPÉTUA, LUDOVINO, VILAR e ANACLETO
Isso agora é outro caso!

CORTIÇÕES
Pois quem duvidará, quem?

PERPÉTUA, LUDOVINO, VILAR e ANACLETO
Ninguém, ninguém, ninguém, ninguém!

JUNTOS

PERPÉTUA, CORTIÇÕES, VILAR e ANACLETO
Deixe que a crise termine
E apareça então por cá.
Mas por Deus não se amofine
Que nas boas graças está
E paciência Deus dará!

LUDOVINO
Esperarei, pois, que termine
Esta crise que é bem má.
E com quanto eu me amofine
Paciência Deus dará!
(Enxotam Ludovino para a rua
e fecham-lhe a porta na cara.)

CENA 12

(Maria de pá numa mão
e picareta na outra, prepara-se
para levantar uma laje e cavar.)

MARIA
Isto é um pequeno passo para uma mulher,
mas é um grande passo para as gentes do Minho.

COPLAS MARIA

MARIA
Ao ver o povo em miséria Bruto,
entregue á beatice,
A gente abonada e séria
Pegou a pensar e disse:
Nada de cerimónia à larga
E ter prazeres abundantes.
Elas são nossas amantes,
Eles nossos bois de carga.
A eles vamos sem mais
Que há aí quem menos valha
São um rancho de animais
É a canalha!

CORO

A eles vamos sem mais
Que há aí quem menos valha
São um rancho de animais
É a canalha!

MARIA
Sentem fome, têm pobreza,
O que eles são é uma súcia!
Já ontem tive a Teresa,
Tragam-me cá hoje a Lúcia!
E tu, meu asno chapado,
Evita a ociosidade:
Leva o trigo ao senhor abade
E vai cavar pró morgado.
A eles vamos sem mais
Isto não é gente é palha
São um rancho de animais
É a canalha!

CORO

A eles vamos sem mais
Isto não é gente é palha
São um rancho de animais
É a canalha!

CENA 13

(Cortições e Vilar estão no acampamento do Exército Real,
onde os soldados estão a assar marshmallows
com um pauzinho virado para a fogueira.)

CORTIÇÕES E VILAR
Pois é como lhe digo.

CORTIÇÕES
A Maria está armada em bloquista,
a querer que o Povo se manifeste
contra as leis novas do Cabral.
Inclusivamente parece que apareceu
por aí um cadáver.
A Maria pegou nele e já lhe está a abrir
uma cova em pleno átrio da Igreja de Fonte Arcada.

CORTIÇÕES E VILAR
E tudo para contrariar vossas excelências,
o Cabral, a Magnânima D. Rainha D. Maria II,
as boas práticas de higiene e
a vontade de Deus Nosso Senhor.

CHEFE DO EXÉRCITO
'Tás a gozar? *(Para o Exército)*
Rapaziada, estes DILFs vieram dizer à
gente que há uma bolha de revolta aqui
na Província, contra as leis que a gente
veio cá declarar.

EXÉRCITO CORAL
Era só mas é o que faltava!

CHEFE DO EXÉRCITO
Devemos lealdade à nossa
D. Magnânima
D. Rainha.

EXÉRCITO CORAL
Viva a Cher!

EXÉRCITO CORAL
Ai que parvas!
(Começam todas a fazer
cócegas umas às outras.)

CORTIÇÕES
Já que fala nisso...

VILAR
... seria demais pedir para dar
uma boa palavra junto da
Magnânima D. Rainha D. Maria II...

CORTIÇÕES
... sobre os préstimos que oferecemos...

VILAR
... o Sr. Abade Cortições e eu,
Vilar, como está?
(dá dois beijinhos ao
Chefe do Exército Real),
a propósito daquilo que o menino e
os seus vieram cá fazer ao Minho?

CORTIÇÕES
Sou um zeloso cumpridor da lei
e das instituições vigentes.

VILAR
E eu sou um constitucional de gema.
O cumprimento da lei é a base
de uma boa alimentação.

CHEFE DO EXÉRCITO
Ai que maluquice, Maria Alice.
Pode ser.
Mas o que é que a gente ganha com isso?
(Cortições e Vilar levantam a batina e as pernas das calças, respectivamente, revelando as suas meias de rede, escandalosamente provocatórias.)

CENA 14

(Domingas circula. Joana também. Encontram-se e assim começa uma nova cena, em que primeiro se fala e depois se canta.)

Joana
Ai Domingas, estás toda suada.

Domingas
Andei a cavar com a Maria.
Estivemos a enterrar a Custódia na Igreja.
Assim, sem caixão nem nada.
Ficou toda torta, mas foi um bonito momento de comunhão popular.

Joana
(tirando um lenço de seu regaço)
Deixa-me limpar-te. Tão novinha.
Tão porquinha.

Domingas
Que bonito lenço branco.

Joana
Foi todo caiado à mão.

Domingas
Pela mão de quem?

Joana
Pela mão de mim.

Domingas
Esses trabalhos duros
não são coisas para princesas, princesa.

Joana
(limpando a testa de Domingas)
Ai Domingas, estás com um *beat* acelerado.
Estás toda a escorrer.

Domingas
(faz que sim com a cabeça)
Hum-hum.

(Domingas rouba um beijo a Joana. Joana abre muito os olhos, surpreendida. Depois fecha-os e entornam- se ambas nos braços uma da outra, aos beijos vulcânicos. Entra Ludovino.)

Ludovino
Joana!

Joana
Ludovino!
Isto não é o que estás a pensar!

Ludovino
Então é o quê?

Joana
Coca.

Ludovino
Balelas!
És da mesma estirpe que a Maria.
Olha, esquece! Esquece o casamento,
esquece as juras de amor, esquece estes músculos
que te defenderiam no breu da noite.

Joana
Ora adeus! Como se eu precisasse de um homem

para me proteger.
E sobre a Maria estás equivocado.
Ela nunca te enganou.
És um burro sufocante!
(Ludovino bate com o pé no chão e sai a chorar.)

VALSA

JOANA
Ai por causa de um beijo
Apanharem-me assim!
Ai de mim!

Se tal chega constar
Estou perdida,
Ai de mim!

Namorados hei tido
Sem ninguém ter sabido
E por causa de um beijo.
Apanharem-me assim
Ai de mim!

Às ocultas um beijo seduz
Que insensato desejo,
Ai Jesus!

Raparigas o exemplo não tomem
De mim.
Tenham pejo do beijo de um homem
Ai por causa de um beijo Apanharem-me assim
Ai de mim!

CENA 15

MARIA
(batendo as mãos uma na outra,
para sacudir o pó)
Pronto, enterrada está.

MULHERES
Viva a autodeterminação do povo!
(Entra o Exército.)

CHEFE DO EXÉRCITO
Que é lá isso, a enterrar em plena
laje da Igreja. Façam bicha, que hoje
vai tudo para o Torel.

(O Exército prende as mulheres.
Cada membro do Exército Real
pega uma mulher pela mão.
Maria fica de fora.)

Mulheres
Ai Maria, que vamos dentro.
Isto é uma grande aldrabice!

MARIA
A mim não apanham!
(Tira o lenço da cabeça.
Chama a atenção do Exército Real.)
Oh! Sabem o que é isto?

EXÉRCITO CORAL
O quê?

MARIA
Poliéster.

EXÉRCITO CORAL
(subitamente encandeado)
Ai, credo!
Poliéster!
Estamos ceguinhas!

MARIA
Minhas amigas, volto para vos salvar!
(Maria foge. O Exército Real recupera da vista
e arrasta todas as mulheres para a prisão,
que choram em francês.)

CENA 16

(Perpétua está a fazer olaria.
Aparece o fantasma Segismundo,
seu falecido marido.)

SEGISMUNDO *(com voz de fantasma)*
Perpétua.

PERPÉTUA *(sobressaltando-se)*
Sim?!

SEGISMUNDO
Perpétua!

PERPÉTUA
Quem fala?

SEGISMUNDO *(pigarreia e já não tem voz de fantasma)*
Sou eu, meu amor.

PERPÉTUA
Meu amor?
Oh gosh! Segismundo?
O meu falecido? *(Vendo-o.)*
És mesmo tu! *(Soa Unchained Melody.)*
Voltaste em fantasma
para me atormentar?

SEGISMUNDO
Não, meu amor.

PERPÉTUA *(desiludida)*
Oh... *(Recompõe-se.)*
Então, está bem.

SEGISMUNDO
Que saudades do teu sorriso
de embirração.

PERPÉTUA
Então e eu...!
A minha vida perdeu uma grande percentagem
de significado desde que te perdi.

SEGISMUNDO
Minha Perpétua, tenho olhado por ti.

PERPÉTUA
Meu Segismundo, agradecida!
Ah, mas eu sabia, caraças!
Eu bem que andava a sentir umas presenças.
Até cheguei a ir à guarda, mas não fizeram caso.
Desde então, ando sempre com uma navalha
de ponta e mola na liga.

SEGISMUNDO *(encolhendo os ombros)*
Por mim...

PERPÉTUA
Dava-te agora um abraço terno,
não fora estar com as mãos enterradas
no barro. Mas posso dar dois beijinhos.
(Dão dois beijinhos na face.
Enquanto dão, Perpétua pergunta:)
Passou bem?

SEGISMUNDO
Bem, obrigado. Estás linda,
Perpétua.

PERPÉTUA *(envergonhada)*
Oh! Dizes isso a todas.

SEGISMUNDO
Pois deveras!
O preto fica-te bem.

PERPÉTUA
Faz-me mais magra.
Como é que é o Paraíso?
Sempre faz lembrar o Gerês,
como vem na Bíblia?

SEGISMUNDO
É mais parecido com Benidorm.

PERPÉTUA
Ai credo, Deus me dê muita saúde.

SEGISMUNDO
O que é que estás a fazer, Perpétua?

PERPÉTUA
Uma bilha nova para ir à fonte da Maria.
Tantas vezes lhe levei a bilha à fonte,
que a bilha se quebrou. Agora estou
a fazer uma nova, em estilo gótico e com remates às florinhas.
Mas então diz lá. Diz lá, não me atrapalhes mais.

SEGISMUNDO
Perpétua, junta-te à causa da Maria da Fonte,
se queres estar do lado certo da História.

PERPÉTUA
É que nem por uma arroba de passas de Alicante!

SEGISMUNDO
Insisto.

PERPÉTUA
Ok, está bem, pronto, acabou-se.
Junto-me ao lado certo da História,
juntando-me assim à Maria da Fonte.
Mas porquê? Porquê, Segismundo? Segismundo?!
(O fantasma de Segismundo evaporou- se.)
Segismundo, meu amor!
Meu amor, que te perdi uma vez mais!
(Perpétua chora. Segismundo reaparece.)

SEGISMUNDO
Fui à cozinha buscar um copo de água.

PERPÉTUA *(despreocupada)*
'Tá bom.

SEGISMUNDO
Mas não há água.

PERPÉTUA
Ainda não acabei a bilha.
Até lá, não há água para ninguém.
Mas se te fizer jeito um copo de vinho verde frisante,
tenho ali uns restos da missa, na minha mesinha de cabeceira.

SEGISMUNDO
Perpétua, sempre me soubeste surpreender.

PERPÉTUA
Pela positiva?

SEGISMUNDO
E também pela negativa.

PERPÉTUA
Sou uma mulher de mão cheia.
Quem dera a muitas!
Então vamos lá ao vinho verde.

Vão umas pataniscas
de rojões com papas de sarrabulho?

SEGISMUNDO
Também sobrou da missa?

PERPÉTUA
Trouxe do orfanato,
que ainda sabe melhor.

CENA 17

(Maria do lado de fora da delegacia.)

MARIA
E agora como é que eu as solto?

PERPÉTUA
Maria!

MARIA
Perpétua, se vens para me dificultar
mais a vida, esgano-te.

PERPÉTUA
Não Maria, fui iluminada pelos Ideais
de Justiça e estou aqui para te ajudar.
Queres ver?
(Usa a chave-mestra
para abrir os portões da prisão.)
Toma! Tenho a chave-mestra
da cidade, que é capaz de abrir
qualquer fechadura a norte do Rio Ave!
(As mulheres começam a sair da prisão,
a coxear, a tossir e a assoar-se.)

MARIA
Preparemos a vingança!
Mulheres, de que armas dispõem?
(As mulheres sacam das saias pistolas,
facas, espingardas, foices, metralhadoras,
canhões e granadas.)

MARIA
Excelente! Para tratar dos eventuais
feridos fica a Domingas, que fez o curso de Enfermagem.

DOMINGAS
Equívoco natural. Não fiz o curso
de Enfermagem. Fiz o curso de Informática.

MARIA
E isso o que é?

DOMINGAS
Faço programas.

MARIA
És puta? Ao menos tens uma pistola?

DOMINGAS
Não. Mas tenho um apito.

MARIA
Tem carácter e o efeito é o mesmo.
Usa-o quando a lógica se impuser.

DOMINGAS
Compreendi-te.

MARIA
Disseste que havia um incêndio.

DOMINGAS
Em Rendufinho.

MARIA
Antónia! Lemúria! Vão a casa buscar
umas sacas de juta e sigam para Rendufinho.
Tragam de lá todo o fogo que conseguirem.

ANTÓNIA E LEMÚRI
Sim, capitã!
(Entra o Exército Real com ar pimpão

e as garras de fora,
sucedido de Cortições e Vilar,
que estão com um sorriso de vampiro.
Domingas apita. As mulheres preparam as suas armas.
As mulheres lutam com o Exército Real!
As mulheres cantam "Who run the world? Girls!" de Beyoncé.
Entretanto voltam Antónia e Lemúria com as sacas
cheias de fogo.)

ANTÓNIO E LEMÚRIA
Estamos de volta, capitã!

MARIA
Trouxeram o fogo?

ANTÓNIO E LEMÚRIA
Tanto quanto conseguimos acartar.

MARIA
Domingas, apita!
(Domingas apita.)
Preparar as ovelhas!

MULHERES
Sim, capitã!
(Entram as ovelhas.)

MARIA
Incendiar as ovelhas!

ANTÓNIO E LEMÚRIA
Sim, capitã!
(Entornam um pouco do fogo
que trazem nas sacas para cima das ovelhas,
que ficam com os olhos raiados de sangue,
como um toiro de Santarém.)

MARIA
Lançar as ovelhas!
(As mulheres lançam as ovelhas
contra o Exército Real, Cortições e Vilar,
que são derrubados tal qual pinos de Bowling.
Vêem estrelas e recompõem-se lentamente.)

MARIA
Preparar a catapulta!

MULHERES
Sim, capitã! *(Entra uma catapulta medieval.)*

MARIA
Tragam o queijo Limiano!

MULHERES
Sim, capitã!
(Rolam bolas de queijo Limiano de mais de 1 metro
de diâmetro, que colocam na colher da catapulta.)

MARIA
Incendiar o queijo!
(Antónia e Lemúria repetem o processo bélico.)
Disparar!
(Catapultam as bolas de queijo Limiano,
que explodem mal entram em contacto com o chão,
fazendo o Exército Real voar.
Os membros do Exército caem em cima
umas das outras.
Muito fraquinhos, sofrem sentados no chão.)

MARIA
Lancem a rede de pesca sobre o Exército!

MULHERES
Sim, capitã!
(Lançam a rede sobre o Exército que
fica totalmente impotente.)

MARIA
Terminou a tirania!
Vencemos o Exército Real, o Cabralismo,
a D. Rainha D. Maria II e mais não sei o quê!
Glória ao Minho!
Glória às mulheres do Minho!

MULHERES
Viva! Viva o Minho!
Viva a Maria da Fonte!

CORTIÇÕES
Maria, tende piedade!

MARIA
E tu, meu Abade da mula russa.
A justiça tarda, mas não falha.
Vamos desmascarar-te. Joana, apresento-te teu pai.

JOANA
Meu pai?

PERPÉTUA
Ai que rápido desenlace.

MARIA
Sim e de mais tantas.

JOANA
A gente todas somos hermanas?
(Festejam fazendo uma roda, pulando de alegria.)
Havemos sempre de nos ter umas às outras.

CANTIGA

MARIA
Tinha três filhas o abade,
Todas três eram morenas.
(*Joana* - **Eu sou loira natural!)**
Com três moços da cidade
Abalaram as pequenas

Quando passam namorados
Abraçados pela estrada,
Desmancha a massaroca,
Estala o linho na roca
E a gente está corada.

São os desejos vermelhos
E as morenas coloridas.
Nasceram feitas pra beijos
Por eles foram perdidas

Quando passam namorados
Abraçados pela estrada,
Desmancha a massaroca,
Estala o linho na roca
E a gente está corada.

Quando voltaram já tarde
Perguntaram as pequenas
Dize-nos tu pai abade
Se eram nossas mães morenas.

Quando passam namorados
Abraçados pela estrada,
Desmancha a massaroca,
Estala o linho na roca
E a gente está corada.

CENA 18

(Entra Ludovino, ofegante como se tivesse acabado de cantar um dueto com a Gisela João.)

LUDOVINO
Maria, venho salvar-te!

MARIA
Tarde piaste.

LUDOVINO
Então peço-te que me perdoes
e que me aceites novamente
como teu noivo querido.

MARIA
A confiança foi irreparavelmente quebrada.
Quando a desconfiança ganha um lugar
de protagonismo entre duas pessoas,
tudo o resto é aridez.

DOMINGAS
Tau! Falou!

LUDOVINO
Mas tens de te casar, Maria.
Não podes ficar solteira,
encalhada entre as ovelhas.

MARIA
Ludovino, o que entendo por desenvolver
livremente as qualidades afectivas na
mulher é deixar-lhe o pleno direito da escolha,
o direito sagrado de amar ou não amar,
de casar ou ficar solteira, sem que isso
represente uma vergonha.*

MARIA E JOANA
Entendo que a mulher não deve ser
coagida pela educação, nem pelos costumes,
a ver no casamento um fim, um ideal completo
e único, quase uma obrigação.*

DOMINGAS
Ana de Castro Osório.

PERPÉTUA
Já que se toca no assunto.
Segismundo, meu Segismundo.
Está lá? Oi. Repara, achavas mal que eu
me voltasse a casar?
Tipo, de 0 a 20? 0? Que porco,
tanto desprezo. Ok, tudo bem.
(Perpétua desliga e aproxima-se de Aniceto, ajoelha-se.)
Aniceto, pede-me lá em casamento
de uma só vez.

ANICETO
Perpétua, queres casar comigo?

PERPÉTUA
I do! I do!

TODOS
Afinal há casório!
(Todos festejam.)

CENA 19

Maria (liberta o Exército Real)

E a vocês, liberto-vos em nome das leis do Minho.
Corram, minhas gazelas, corram livres pelo campo.
Liberto-vos dos bélicos grilhões.
Voem, minhas pombas lilases.
Algemada está a Nação.
Nobre povo do Minho, és vencedor,
generoso, ousado e livre.
Glória ao teu valor.
Fugi déspotas, fugi, que a guerra
ainda agora começou.

FINAL II

CORO
Bom Jesus
Guarda o povo!
Dá-nos luz
Bom Jesus,
Dia novo!

Guerra à guerra,
É guerra á guerra
Inda outra vez,
Pela santa liberdade,
Pelo povo português!

Põe os bois na abegoaria,
Limpa o suor gotejante.
Mais comer, mais alegria,
Larga a charrua e avante!

AS MULHERES
Faltam nos campos os milhos,
Vagueiam com fome os cães.
Queremos pão para os nossos filhos,

HOMENS
Queremos pão!

MULHERES
Queremos pão para as nossas mães!

HOMENS
Queremos pão!

MARIA COM O CORO
HOMEM EM RESPOSTA

MARIA
Dos que vão com ilusões
E com fome pró Brasil
Para que voltem três barões
Morrem, coitados, três mil!
E a mulher que daqui sai,
Fugindo ao trabalho e aos pais,
Quem sabe lá onde vai
E porque não volta mais!

HOMENS
Somos valentes, valentões!
Somos já mais de dois mil!
Vamos ter milhões
Sem ter de ir ao Brasil!

Para a tropa já tudo ia
Vou eu, vais tu e vão mais!

TODOS
Põe os bois na abegoaria,
Limpa o suor gotejante.
Mais comer, mais alegria,
Larga a charrua e avante!

* Excerto de ***Às mulheres portuguesas***
de Ana de Castro Osório, 1905

BIOGRAFIAS

JENNY SILVESTRE

Licenciada em Cravo (Escola Superior de Música de Lisboa) e em Direito (Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa). É doutorada em Ciências Musicais Históricas (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Conta com uma pós-graduação em Cravo (Escola Superior de Música da Catalunha, Espanha) e uma pós-graduação em Gestão Empresarial, vertente de Estratégia de Investimentos e Internacionalização (Instituto Superior de Gestão). É fundadora e presidente da Academia Portuguesa de Artes Musicais.
Assume as funções de diretora dos Congressos Internacionais de Musicologia Histórica organizados pela Academia Portuguesa de Artes Musicais, bem como a direção dos projetos pluridisciplinares da mesma. Tem sido ao longo dos anos diretora e programadora artística de diferentes festivais e ciclos de concertos.
Participou na estreia mundial das obras *Magnificat em talha dourada* e *Horto sereníssimo*, do compositor Eurico Carrapatoso, bem como no conto infantil *O que aconteceu no Museu da Música*, do compositor Sérgio Azevedo. Estreou ainda a *Inventio 2*, de Bruno Gabirro, e a peça *Prelúdio e Festa*, de Sérgio Azevedo, especialmente escrita para ela. Em 2009, foi assessora musical do premiado filme do realizador chileno Raúl Ruiz, *Mistérios de Lisboa*.
Em 2018, estreou, no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, o seu primeiro filme documental, *Momento 1910*, acompanhado pela orquestra Melleo Harmonia, orquestra residente da Academia Portuguesa de Artes Musicais. É curadora da programação *Música no Termo*. É fundadora e diretora do Laboratório de Ópera Portuguesa no CCB.

JOÃO PAULO SANTOS

Nasceu em Lisboa, em 1959, tendo concluído o curso de piano do Conservatório Nacional desta cidade, na classe de Adriano Jordão. Trabalhou ainda com Helena Costa, Joana Silva, Constança Capdeville, Lola Aragón e Elisabeth Grümmer.
De 1979 a 1984, estudou em Paris com Aldo Ciccolini, inicialmente como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Ainda em Paris, foi convidado pela direção do Teatro Nacional de São Carlos para, a partir da temporada de 1984/85, desempenhar as funções de Maestro Assistente deste Teatro.
Na temporada de 1987/88, foi convidado para Assistente do então Maestro Titular do Coro, Gianni Beltrami, acumulando estas funções com as que já exercia. Desde a temporada de 1990/91, desempenha o cargo de Maestro Diretor Titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos.
Paralelamente, desenvolve uma importante atividade como pianista, tendo colaborado com quase todos os cantores portugueses. Iniciou a sua atividade como maestro em julho de 1990, dirigindo a ópera de William Walton, *The Bear*, para a RTP, no Teatro da Cornucópia, com encenação de Luís Miguel Cintra. Dirigiu ainda, em 1994, as óperas *Cânticos para a Remissão da Fome*, de António Chagas Rosa, e *Let's make an opera*, de Britten. Dirigiu também a estreia mundial da ópera *Édipo, a Tragédia do Saber*, de António Pinho Vargas, na Culturgest.
Prossegue uma carreira dinâmica na direção musical, tendo dirigido no Teatro Nacional de São Carlos a primeira apresentação em Portugal da obra *Renard*, de Stravinsky, a estreia mundial da ópera *Os Dias Levantados*, de António Pinho Vargas, um programa inteiramente preenchido com música do século XX (Schnittke, Pousseur e Corghi) e ainda *Les Noces*, de Stravinsky. No Teatro Nacional D. Maria II, dirigiu *Sweeney Todd*, de Stephen Sondheim. Gravou vários discos, nomeadamente com obras de Erik Satie e Luís de Freitas Branco (EMI classics).
Apresenta-se frequentemente em recital, como pianista acompanhador.

RICARDO NEVES-NEVES

É licenciado em Teatro-Atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema e Especialista em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras de Lisboa. Participa no Obrador d'Estíu-Dramaturgia (Barcelona), orientado por Simon Stephens.
É o diretor artístico do Teatro do Eléctrico, onde escreve e encena. Encenou também obras de Sophia de Mello Breyner Andresen, Ana Lázaro, Gil Vicente, William Shakespeare, Lewis Carroll, Edward Albee, Karl Valentin, Copi, Spiro Scimone, Charles Dickens, Martin Crimp, Christopher Durang, Ivan Calbérac, Matthieu Delaporte, Alexandre de la Patellière, Guilherme Gomes, J. J. Rousseau, W. A. Mozart, Pedro Mexia e Nuno Côrte-Real.
As suas peças foram encenadas por Mónica Garnel, Sandra Faleiro, Ana Lázaro, Paula Sousa, João André, Diogo Freitas, Joana Magalhães e Fábio Pinto. Autor e coencenador de *Floating Island* com Cheng-Ting Chen e Yi-Ting Hung, uma coprodução do Théâtre de la Ville (Paris, França) e do Taipei Arts Festival (Taipei, Taiwan). Lecionou a cadeira de Interpretação na Escola Superior de Teatro e Cinema e na ACT – Escola de Actores. Colaborou ainda com o Teatro Nacional de São Carlos, Força de Produção, Artistas Unidos, Teatro da Trindade, APARM, Égide, Teatro da Terra, Primeiros Sintomas, Bandevelugo, Music Theatre Lisbon, Temporada Darcos, Teatroesfera, Teatro Meridional, Centro de Estudos de Teatro, Coffeepaste, Casa Conveniente, Teatro dos Aloés, Comédias do Minho, Revista Gerador, Cassefaz, Teatro O Bando e Procur.Arte. Tem peças publicadas nas seguintes editoras: Artistas Unidos/Cotovia/Snob, Teatro Nacional D. Maria II/Bicho do Mato, Companhia das Ilhas e Teatro da Terra.
As peças foram traduzidas em inglês, francês, catalão e chinês.

CÁTIA MORESO

Estudou no Conservatório Nacional de Lisboa e na Guildhall School of Music and Drama (Curso de Ópera), em Londres, onde obteve a licenciatura em canto e o grau de Mestre.
Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e do Lionel Anthony Charitable Trust, estudou no National Opera Studio com Susan Waters. Venceu o 2.o Concurso de Canto da Fundação Rotária Portuguesa e recebeu também o Prémio Bocage no Concurso Luísa Todi e o 1.o Prémio no Concurso de Canto José Augusto Alegria.
O seu repertório de ópera inclui, entre outros, os seguintes papéis: La Cieca, em *La Gioconda* de Ponchielli (Valladolid, Espanha); Giano, em *Il Trionfo d'Amore*, Dianora e Elisa em *La Spinalba* de F. A. de Almeida; Hanna Wilson/Tracy, em *The Losers* de Richard Wargo; 3.a Dama, em *A flauta mágica* (Festival de Wexford); 2. a Bruxa e Espírito, em *Dido e Eneias*; Giovanna, em *Rigoletto*; Baronesa, em *Chérubin* de Massenet; Madame de Croissy e cover de Mère Jeanne, em *Dialogues des Carmélites*; Zanetto, na ópera homónima de Mascagni (Opera Holland Park), Carmella, em *La vida breve de Falla* (Festival de Tanglewood); Marcellina, em *As bodas de Figaro*; e *Carmen* (Woodhouse, Londres).
Cantou em concerto, como solista, obras de Vivaldi (*Gloria* e *Magnificat*), Pergolesi (*Stabat Mater* e *Magnificat*), Rossini (*Stabat Mater* e *Petite messe solennelle*), Bruckner (*Te Deum* e *Missa n.o 3*) bem como o *Magnificat* e a *Oratória de Natal* de J. S. Bach, a *Missa de Nelson* de J. Haydn e os *Requiem* de Mozart, Duruflé e Verdi (Clonter Opera, Londres). No domínio da música contemporânea, cantou as Canções Populares de L. Berio, Aventures de G. Ligeti e foi solista na estreia de Cicero Dixit de C. Bochmann.

LUÍS RODRIGUES

Estudou no Conservatório Nacional e na Escola Superior de Música de Lisboa. Ganhou o 2.o Concurso de Interpretação do Estoril, o 4.o Concurso de Canto Luísa Todi e o Prémio Jovens Músicos da R.D.P. em Música de Câmara, com o pianista David Santos. Obteve o 2.o Prémio no Concours- -Festival de la Mélodie Française em Saint-Chamond (França) e foi o vencedor ex-aequo do concurso PoulencPlus (Mélodies de Poulenc) em Nova Iorque.
Luís Rodrigues tem vindo a construir em Portugal uma sólida carreira no domínio da ópera, com papéis como Figaro (*O barbeiro de Sevilha*), Guglielmo, Albert, Nick Shadow, Sharpless, Escamillo, Gianni Schicchi, Beauperthuis, Sulpice e Don Profondo no Teatro Nacional de São Carlos, Narrador (*A Flowering Tree*) e Kurwenal (*Tristão e Isolda*) com o São Carlos no Centro Cultural de Belém, Mr. Gedge (Albert Herring) e Eduard (Neues vom Tage) no Teatro Aberto, Semicúpio (*Guerras do Alecrim e Mangerona*) no Acarte, Teatro da Trindade e Teatro Nacional D. Maria II (Prémio Bordalo da Imprensa 2000 para Música Erudita), Don Alfonso (*Così fan tutte*) com a Orquestra Metropolitana de Lisboa no CCB, Marcello (La Bohème) com o Círculo Portuense de Ópera e a Orquestra Nacional do Porto no Coliseu desta cidade, Tom (*The English Cat*) com a Cornucópia e a ONP no Teatro Municipal do Porto e no Teatro Nacional de São Carlos, Guarda Florestal (*A Raposinha Matreira*) com a Casa da Música no Rivoli, Papageno, Ramiro (*A hora espanhola*) e Sumo Sacerdote (*Sansão e Dalila*) na Fundação Calouste Gulbenkian, Yoshio (*Hanjo*) na Culturgest, Arsénio (*La Spinalba*) e Marcaniello (*Lo frate 'nnamorato*) com Os Músicos do Tejo no CCB e Giorgio Germont, Iago e os papéis titulares de Don Giovanni e Rigoletto com a Orquestra do Norte.
Intérprete de reconhecida versatilidade, Luís Rodrigues apresenta-se também regularmente em programas de oratória, canção orquestral ou música de câmara, e é frequentemente solicitado para estrear obras de música contemporânea.
Em todos estes géneros possui já importantes registos discográficos, sendo de destacar a participação nas óperas La Spinalba e Il mondo della luna gravadas pelos Músicos do Tejo para a editora Naxos.

MARCO ALVES DOS SANTOS

Licenciado pela Guildhall School of Music and Drama (bolseiro Gulbenkian) iniciou a carreira profissional em 2003. Apresentou-se como solista em Portugal, Espanha, França, Itália, Reino Unido e Alemanha, em papéis como Tamino (*A flauta mágica*), Ernesto (*Don Pasquale*), Anthony (*Sweeney Todd*), Orfeu (*A Descida de Orfeu aos Infernos*), Duca (*Rigoletto*), Tristão (*Le Vin Herbé*), Leandro (*La Spinalba*) Die Hexe (*Hansel e Gretel*), Gilvaz (*Guerras do Alecrim e Manjerona*), Governor (*Candide*), Ferrando (*Così fan tutte*), Prunier (*La rondine*), Arbace (*Idomeneo*), Tybalt (*Roméo et Juliette*), Almaviva (*O barbeiro de Sevilha*), Acis (*Acis and Galatea*), Male Chorus (*The Rape of Lucretia*), Aegisth (*Elektra*), Ottavio (*Don Giovanni*), entre outros. Em concerto destacou-se como Récitant (*L'enfance du Christ*), Evangelista nas Oratórias de Natal, Páscoa, Ascensão e Paixão Segundo S. João de Bach, a 9.a Sinfonia de Beethoven, Messias de Händel, Pequena Missa Solene de Rossini, Requiem e Missa da Coroação de Mozart, Serenata para tenor, trompa e cordas de Britten, A Boa Canção de Fauré e Te Deum de Bruckner.

EDUARDA MELO

Formada em Canto pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto, Eduarda Melo integrou o Estúdio de Ópera da Casa da Música do Porto e o elenco do CNIPAL em Marselha.
Foi galardoada com o 2.o prémio do Concurso Internacional de Canto de Toulouse. É convidada para numerosos festivais na Europa e já trabalhou com maestros como Marc Minkowski, Jérémie Rohrer, Ton Koopman, Hervé Niquet, Jean-Claude Casadesus, Antonello Allemandi em prestigiadas casas de ópera (Glyndebourne, Marselha, Lille, Nice, Caen, Dijon, Paris, Lisboa). Em ópera destacam-se os papéis de Soeur Constance (*Dialogues des Carmelites*), Euridice (*Orfeo e Euridice*), Corinna (*Il Viaggio a Reims*), La princesse Laoula (*L'Étoile*), Rosina (*O barbeiro de Sevilha*), Elvira (*L'Italiana in Algeri*), Norina (*Don Pascuale*), Musetta (*La Bohème*), Despina (*Così Fan Tutte*), Erste Dame (*A flauta mágica*), Zerlina (*Don Giovanni*), Dalinda (*Ariodante*) Rinaldo (*Armida*), Stéphano (*Romeo et Juliette*), Frasquita (*Carmen*), Gabrielle (*La Vie Parisienne*), Valencienne (*La Veuve Joyeuse*) e Elle (*A voz humana*). No âmbito da música contemporânea tem participado em criações de António Pinho Vargas, Nuno Côrte-Real, Luís Tinoco e Nuno da Rocha.
Colabora regularmente com Le Concert de la Loge (Julien Chauvin), Divino Sospiro e Ludovice Ensemble.

INÊS SIMÕES

Com o seu timbre inconfundível, rico e luminoso, a soprano spinto portuguesa Inês Simões é conhecida pelas suas interpretações de música contemporânea, nomeadamente encomendas de obras operáticas, sinfónicas, eletrónicas e música de câmara, tendo estreado 27 obras.
Faz parte do Duo Tágide, cuja programação arrojada abarca repertório do passado e do presente, bem como um espaço dedicado à canção erudita portuguesa.
Na temporada 2022/23 viu nascer uma nova colaboração com o flautista brasileiro James Strauss, com o lançamento digital de Poema para o Universal Music Group, revelando obras dos últimos 100 anos para esta formação inusitada.
Com o Duo Tágide, Inês explorou O Livro dos Jardins Suspensos de Schoenberg para os Reencontros de Música Contemporânea em Aveiro.
Em novembro de 2024 interpretará pela primeira vez os Rückert Lieder de Mahler e 7 Romances sobre poemas de Alexander Blok de Shostakovich.
Com a vinda da maternidade, a voz de Inês abriu-se às possibilidades do repertório para soprano spinto, permitindo-lhe focar-se mais profundamente no re-pertório germânico de compositores como Richard Wagner (os Wesendonck Lieder constam regularmente nos seus concertos), Richard Strauss (com o papel de Salomé adicionado ao seu repertório), e Alban Berg, cuja Suite Wozzeck, sob a batuta de Sian Edwards, motivou a sua estreia no Barbican Hall.

RICARDO PANELA

Natural do Concelho de Ílhavo, o barítono Ricardo Panela tem vindo a estabelecer-se nos últimos anos como um intérprete de grande versatilidade, com um repertório desde o Barroco até à Música Contemporânea.
Na Temporada de 2016/2017 estreou-se com excelentes críticas no Teatro Nacional de São Carlos na produção da ópera "Lei Dialogues das Carmelites", com encenação de Luís Miguel Cintra e direção musical do maestro João Paulo Santos. Ainda na mesma temporada, estreou-se no importante Festival de Verão "Opera Holland Park" como Masetto, em "D. Giovanni". Posteriormente, interpretou o papel titular na ópera contemporânea "Mad King Suibhne", de NOAH Mosley, apresentada na English National Opera – Lilian Baylis House em Londres, tendo recebido as mais valorosas críticas pelo seu desempenho. Estreou-se na casa de Ópera de Valladolid como Lescaut na ópera "*Manon*", de Jules Massenet, após ter interpretado os papeis de Cadeirão e Árvore na ópera "*L'enfant et les Sortilèges*", de Maurice Ravel, no Teatro Nacional de São Carlos. Em 2019, enquanto vencedor da categoria de barítono no Concurso Armel Singing Competition, Ricardo interpretou o papel de Leporello em "*Don Giovanni*" no Teatro Tamariz, no Ecuador, e também no Palácio da Música de Budapeste, uma produção que foi transmitida em directo no canal ArteTV. Esteve também envolvido na estreia absoluta no Reino Unido da ópera "*Don Chisciotte*" de Saverio Mercadante, apresentada na Leighton House, e da ópera "*Los Martirios de Colón*" de Ruiz, numa performance no Queen Elizabeth Hall em Londres.

JOÃO MERINO

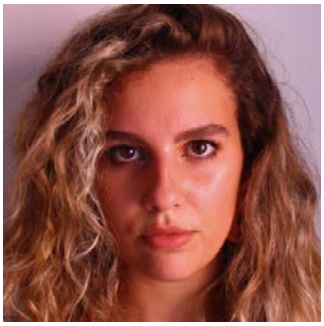
Licenciado em Canto pela ESMAE, fez aperfeiçoamento técnico com o tenor Francisco Lázaro, em Barcelona.
Foi galardoado com o prémio de mérito da Fundação Eng. António de Almeida. Apresentou-se nas óperas: *A flauta mágica, As bodas de Figaro, Così fan tutte* e *Don Giovanni* de Mozart; *Il barbiere e Il Viaggio a Reims* de Rossini; *Carmen* de Bizet; *La Traviata*, D. Carlo e *Rigoletto* de Verdi; *Tosca*, *La Bohème* e *Gianni Schicchi* de Puccini; *Eugene Onegin* de Tchaikovski; *Hänsel und Gretel* de Humperdinck; *Werther* de Massenet; *Oedipus Rex* de Stravinsky; *Maria Buenos Aires* de Piazzolla; *Capello di paglia di Firenze* de Nino Rota e *Evil Machines* de Luís Tinoco e Terry Jones.
Em concerto com Messiah, de Händel; Magnificat e Oratória de Natal, de Bach; Criação de Haydn; a integral das Missas de Mozart; a 9.a Sinfonia de Beethoven; Stabat Mater de Rossini; Requiem de Fauré; Oratório de Natal de Camille Saint-Saens; Missa n.o 3 de Bruckner; Carmina Burana de Orff; Aventures de Ligeti, entre muitos outros.
Apresentou-se em Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Holanda e Itália sob a direção de C. Costa, C. Soler, E. Nielsen, G. Andreoli, G. Bühl, J. Jones, J. Skudlik, J. P. Santos, L. Koenigs, M. André, M. Jurowski, M. Ortega, R. Massena, O. Hadari, P. Herreweghe, T. Hoffman e X. Poncette.
Em cena com A. Teodósio, C. Avilez, C. Gruber, C. v. Götz, E. Sagi, F. Gomes, G. Vick, G. Joosten, J. C. Soler, L. Hussain, L. M. Sintra, N. Graça-Silvestre, N. M. Cardoso, P. Matos, P. Konwitschny, R. Pais, R. Carsen, S. Medcalf, entre outros.

TIAGO MATOS

Foi recentemente Guglielmo na ópera Così Fan Tutte, de Mozart, no Coliseu do Porto e o sargento Belcore, em O elixir do amor, de Donizetti. Participou ainda na estreia mundial de Mátria (Fernando Lapa e Eduarda Freitas), sendo Ti Raul e Padre Gusmão. Interpretou ainda as Songs, Drones and Refrains of Death de George Crumb com o Remix Ensemble e regressou ao Coliseu do Porto com a Orquestra Filarmonia das Beiras para apresentar El Retablo del Maese Pedro (Falla) onde veste a pele de Don Quichotte. Com a Ópera Nacional de Paris, Tiago já foi, entre outros, Fiorello, em O barbeiro de Sevilha, de Rossini; o protagonista de Don Giovanni, de Mozart; e, mais recentemente, o muito elogiado Frank, em Die Fledermaus, de J. Strauss.
Entre outras interpretações, destaque para *Le Dancaïre e Moralès*, em *Carmen*, de Bizet; *L'Horloge Comtoise e Le Chat, em L'Enfant et les Sortilèges*, de Ravel e Mercutio em *Romeu e Julieta* de Gounod. Fundou a Plateia Protagonista Associação, para a promoção da ópera e da música clássica, de onde se destacam os projetos *Ri-te* como Jacques e Ópera *Oh que seca!*. Recentemente gravou para a SONY Portugal, juntamente com Paulo Lapa, o álbum ALMO & Júlio Resende, que tem apresentado em concerto em Portugal e Cuba.
Futuramente regressará ao TNSC para integrar o elenco da Trilogia das Barcas (Braga Santos) e agora no CCB nesta nova produção de Maria da Fonte (Augusto Machado).

ANTÓNIO IGNÊS

Natural de Guimarães, licenciou-se em Teatro – Ramo Atores, na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Iniciou o seu percurso profissional em teatro em espetáculos como *Noite de Reis*, *O Livro de Pantagruel*, *A Reconquista de Olivenza*, dirigidos por Ricardo Neves-Neves, tendo sido igualmente dirigido por Miguel Loureiro, em *BOOM!*.
Paralelamente, trabalha como assistente de encenação.



JULIANA CAMPOS

Frequentou o Conservatório de Música de Braga durante oito anos, quatro dos quais integrou a classe de fagote, formando-se, posteriormente, em canto lírico no ensino secundário.
É licenciada pela Escola Superior de Teatro e Cinema onde pôde concluir os seus estudos em Teatro (Ramo de Atores) em 2020.
Desde o início da sua formação que tem interesse em projetos que conciliem a música e o teatro.
Trabalha na Companhia do Teatro do Eléctrico desde 2020, tendo participado em várias peças como atriz, cantora, instrumentista e assistente de encenação.

RITA CAROLINA SILVA

Formada em canto lírico pelo Curso de Canto da Escola de Música do Conservatório Nacional e mestre em Artes Performativas na Escola Superior de Teatro e Cinema – Teatro Música. Tem trabalhado como atriz e cantora especialmente em teatro e tem desenvolvido trabalho como diretora vocal.
Volta a trabalhar com o Teatro do Eléctrico a partir de 2020 como assistente de encenação em A Voz Humana, com encenação de David Pereira Bastos e Patrícia Andrade, e em Cortes de Júpiter, criação de Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo para a 1.a edição do Laboratório de Ópera Portuguesa do CCB.
Já em 2023 participa como intérprete e assistente de encenação e dramaturgia em Noite de Reis, encenação e adaptação de Ricardo Neves-Neves que esteve em cena no Teatro da Trindade; em O Livro de Pantagruel de Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo como intérprete e assistente de encenação e é cocriadora e intérprete em A Orquestra – um puzzle musical infantil, espetáculo que circulou em várias localidades algarvias para escolas e público geral.
Tem vindo a lecionar desde 2018 a disciplina de Voz e Elocução na FOR Dance Theatre da Companhia Olga Roriz.

GONÇALO FONSECA

Finalista da licenciatura de Formação de Atores na Escola Superior de Teatro e Cinema (E.S.T.C). Durante a sua formação foi dirigido por Bruno Bravo, João Brite, Rogério de Carvalho entre outros. Integrou o elenco fixo da COMÉDIAS DO MINHO desde outubro de 2006 até julho de 2018 onde trabalhou com criadores como Pierre Voltz, João Pedro Vaz, Pedro Penim, Igor Gandra, Magdalena Victorino, John Mowat e Nuno Cardoso. Na companhia criou os espetáculos "Um grão caído na terra", "Solar", "Não Lugar", "Princípio da incerteza", "Muralhas", "Utopia" entre outros. Foi cocriador dos projetos "Clepsidra", "Passe-Vite", "Queima de Judas". Formado em Técnica da Máscara por Mário Gonzalez e François Cervantes. Nesta técnica lecionou várias formações em diversas escolas e instituições culturais, de salientar, ESMAE, Fundação Lapa do Lobo, Academia de Vilar do Paraíso, entre outras. Criou diversos espetáculos nesta técnica como "Voz Off", "Cara-Metade" e "Um grão caído na terra". Tem formação em construção de máscaras e marionetas com Natasha Belova. Fez a construção de máscaras para os espetáculos "A fábrica", "Os 12 pares de França", "Auto das máscaras", "Elipse" e "Floresta de Enganos". Desenvolveu diversas oficinas de construção de máscaras. É responsável desde 2014, à data presente, pela residência artística para jovens "O Mundo ao Contrário", promovido pelo município de Paredes de Coura.
Trabalha regularmente para a "Oficina" como formador de teatro. Nesta instituição criou também os espetáculos "O dia em que não sabíamos nada uns dos outros" e "Liberdade".

CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, criado em 1943 sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem atuado sob a direção de importantes maestros (Pedro de Freitas Branco, Votto, Serafin, Gui, Giulini, Klemperer, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Navarro, Rennert, Burgos, Conlon, Christophers, Plasson, Minkowski, entre outros) e colaborado com marcantes encenadores (Pountney, Carsen, Vick). Entre 1962 e 1975, o Coro colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera (Teatro da Trindade), tendo-se deslocado com a mesma à Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo. O conjunto tem regularmente abordado o repertório de compositores nacionais (Alfredo Keil, Augusto Machado) e tem participado em estreias mundiais de óperas de Fernando Lopes–Graça, António Victorino d!Almeida, António Chagas Rosa, Nuno Côrte-Real. Em 1980, formou–se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direção de Antonio Brainovitch. A partir de 1985, a afirmação artística do conjunto foi creditada a Gianni Beltrami e o titular seguinte foi João Paulo Santos. Sob a responsabilidade destes dois maestros, o Coro registou marcantes êxitos internacionais: Grande messe des morts de Berlioz (1989, Turim); Requiem de Verdi (1991, Bruxelas); Concerto Henze/Corghi (1997,Festival de Granada). Giovanni Andreoli assumiu o cargo em 2004. Sob a sua direção, o Coro averbou êxitos num vasto e variado repertório. Em 2005, o Coro foi convidado pela Ópera de Génova para participar em récitas da ópera Billy Budd de Britten, convite que se repetiu em 2015. Giampaolo Vessella é o maestro titular desde janeiro de 2021.

MAESTRO TITULAR
Giampaolo Vessella

MAESTRO ASSISTENTE
Kodo Yamagishi

SOPRANOS
Ana Cosme
Ana Luísa Silva
Ana Serra*
Ana Sofia Franco
Angélica Neto*
Carmen Matos
Carolina Raposo
Filipa Lopes*
Isabel Biu*
Isabel Silva Pereira*
Maria Anjo Albuquerque*
Maria Luísa Brandão*
Patrícia Ribeiro*
Raquel Adão
Rita Paiva Raposo
Sandra Lourenço
Sónia Alcobaça*

TENORES
Alberto Lobo da Silva
Alexandre S. David*
Arménio Afonso Granjo
Carlos Pocinho*
Carlos Silva*
Diocleciano Pereira
Francisca Lobão*
João Cipriano
João Monteiro Rodrigues*
João Queiroz
João Rodrigues
Luís Castanheira*
Mária Silva
Nuno Cardoso*
Rui Pedro Antunes*
Victor Carvalho*

MEIO SOPRANOS
Ana Cristina Carquejeiro*
Ana Ferro
Ana Rita Cunha
Ana Serôdio*
Ângela Roque*
Antónia Ferraz de Andrade*
Cândida Simplício*
Conceição de Sousa*
Inês Medeiros
Jacinta Albergaria
Lelila Moreso
Luísa Tavares*
Madalena Paiva Boléo*
Manuela Teves
Natália Brito
Rita Coelho
Susana Moody

BAIXOS
Alexandr Jerebtsov*
Carlos Homem*
Carlos PEdro Santos
Ciro Telmo Martins
Costa Campos*
Enrico Caporiondo*
Frederico Santiago*
João Miranda*
João Oliveira
João Rosa
Jorge Rodrigues
Leandro Silva
Nuno Dias
Osvaldo Macedo de Sousa*
Simeon Dimitrov
Tiago Navarr

* Músicos que cantam neste programa

ORQUESTRA SINFÓNICA ARTAVE

A ARTAVE - Escola Profissional Artística do Vale Ave foi fundada em 1989 e sediada em V.N. de Famalicão com delegação em Caldas da Saúde - Santo Tirso. Actualmente é propriedade da ARTEMAVE – Associação de Promoção das Artes e Música do Vale do Ave que integra o Colégio das Caldinhas, a Câmara Municipal de Vila Nova Famalicão, Câmara Municipal de Santo Tirso, Fundação Cupertino de Miranda, a Fundação Castro Alves e o Inforartis (Centro de Cultura Musical) – Conservatório Regional de Música. Esta Escola Profissional é patrocinada pelo Ministério da Educação e pelo Fundo Social Europeu (POCH) e propôs-se desde o início promover a formação em áreas carênciadas do nosso meio artístico, nomeadamente os Cursos de Cordas, Sopro e Dança funcionando em articulação com o Conservatório Regional CCM. A Orquestra de Cordas, formada em Abril de 1990, constituiu o núcleo de origem da Orquestra. Em 1991 a Orquestra Sinfónica fez a sua primeira apresentação pública. Actualmente a ARTAVE tem em funcionamento a Orquestra Sinfónica, a Orquestra Sinfónica de Sopros e 4 pequenas Orquestras dos alunos mais jovens - Orquestras ARTAVINHOS - de Cordas e Sopros. A Orquestra Sinfónica ARTAVE é constituída por cerca de 80 elementos, todos alunos da Artave (e do Centro de Cultura Musical), com média de idades entre os 14 e 18 anos e teve como maestros responsáveis António Soares e Roberto Pérez. Leonardo de Barros, Manuel Ivo Cruz, Emílio De César, António Lourenço, Helder Trefzger, José Luís Borges Coelho, Juan Trillo, Jean Sébastien Béreau, Christophe Millet, Marc Schuster, Belarmino Soares, Fernando Lapa, Roberto Tibiriça, Colin Metters, Howard Williams e Peter Askim já dirigiram a orquestra, que têm como convidado regular o maestro alemão Ernst Schelle. Actualmente a Orquestra é dirigida pelo maestro Luís Machado.
Sinfonias de Haydn, Mozart, Beethoven (1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e 7ª), Schubert (4ª e Incompleta), Schumann (4ª), Dvorak (7ª, 8ª e 9ª), Rimsky-Korsakov (Antar), Tchaikowski (1ª, 4ª, 5ª e 6ª), Borodin (2ª), Brahms (1ª e 2ª) numerosos Concertos para diversos instrumentos solistas, obras corais-sinfónicas de Haydn (Criação e Stabat Mater), Rossini (Stabat Mater), Mendelssohn (Lauda Sion), Poulenc (Glória) integram o vasto e diversificado repertório já cumprido pela Orquestra. Em Maio de 2008 estreou em Portugal a aclamada obra Missa Tango de Bacalov. Tem merecido destaque o projecto de produção de Óperas, em cooperação com o CCM. Estreias, nacionais ou em versão portuguesa, de A Casinha de Chocolate (Hansel und Gretel) de Humperdinck (2002), A Arca de Noé de Britten (2003), A Bela Adormecida de Respighi (2004), Auto de Coimbra de Manuel Faria (2007), Aladino de Nino Rota (2009) - contando com a colaboração da Casa das Artes e do Município de Famalicão - e as duas apresentações de O Pequeno Limpa-Chaminés (The Little Sweep) de Britten (2000 e 2006) são momentos relevantes na vida musical da instituição.
Para além de Concertos nas mais importantes cidades do País, a Orquestra ARTAVE apresentou-se em várias cidades de Espanha com grande sucesso, sendo convidada do Ciclo Ibérico de Música Sacra (Tui, Espanha), da Promenade Jovens Músicos promovida pela RDP, Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim e Festival de S. Roque (Lisboa), Concertos Promenade do Coliseu do Porto 2006, 2007, 2008, 2009,2010, 2011, 2012, 2013 e 2014. Em Dezembro de 1995 participou, nas cidades da Corunha e de Santiago de Compostela, na 1ª apresentação mundial (moderna) de obras de Melchor Lopez. Realizou, em 1993, uma digressão que recolheu grande sucesso no público e na crítica de sete Estados do Brasil.

LABORATÓRIO DE ÓPERA PORTUGUESA

Declarado de UTILIDADE PÚBLICA biénio 2023 / 2025

MECENAS

OURO PEREIRA, LDA | CÂNDIDO VIEIRA LDA | CASA DO MONTE DA VEIGA | AZALENKANTADA | ESFANI - CONFECÇÕES, LDA | MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO | ÓPTICA 1 DE ÁLVARO OLIVEIRA LDA | FOCO CRIATIVO UNIPESSOAL | HOTEL RURAL MARIA DA FONTE | SUPERPÓVOA SUPERMERCADOS, SA | BAPTISTA E SOARES, SA | DAEL INDÚSTRIA METALÚRGICA, LDA | TRANSNOS | JORGE PINHEIRO AUTOMOVÉIS E RAMIRO & CARVALHO, LDA | ACADEMIA DE MÚSICA | JOSÉ ATALAYA - FAFE | BANDA DE GOLÃES - FAFE

AGRADECIMENTOS

FERNANDO GOMES | PAULO FREITAS | QUINTA PEDAGÓGICA DOS OLIVAIS | ADEGA BELÉM URBAN WINERY

PARCEIROS INSTITUCIONAIS

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA

Porto.

amporto

APOIO À DIVULGAÇÃO

PORTO canal

ORGANIZAÇÃO

QUARTETO CONTRA TEMPUS

COPRODUÇÃO

LOP LABORATÓRIO DE ÓPERA PORTUGUESA

CCB

opart ORGANISMO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA, EPE

TNSC TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Teatro do Eléctrico

PARCERIA

ARTAVE ESCOLA PROFISSIONAL ARTÍSTICA DO VALE DO AVE

égide Associação Portuguesa das Artes

MARIA DA FONTE

Maria da Fonte - Opereta de Augusto Machado